



Barbara Virginia

REALIZADORA DO FILME «TRÊS DIAS SEM DEUS»

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO VI—N.º 275
29 DE AGOSTO DE 1946
PREÇO AVULSO 2\$00

AVES

VOANDO

por AUGUSTO RICARDO

NÃO estive a bordo do porta-aviões «Franklin Roosevelt». E para quê? Para afirmar ao leitor que se trata de uma enorme nave, gigantesca, que dá uma ídela Informe áqueles que se estarrecem perante o colossal, abrindo a bôca num esgar muito próprio de paráditos. Não estive. Repito. Mas gostaria de lá ter estado. Não para o vir declarar publicamente. Mas para sentir a grandeza do espectáculo que ele me proporcionaria. Allás, aquela mole de ferro e aço tem seu quê de enorme e acostável; e quem não for dado a olhar uma bizarrama com o mesmo espirito com que o outro olhava um palácio, esse admirável produto de construção naval não pode despertar senão um ahi pacóvilmente espantado! Claro que podia, sem grande esforço imaginativo, comparar o porta-aviões do recorte de um poetaico pombal. Grossoeira, pois lhe faltava a graça ingénua do recorte de um poetaico pombal. Contuço, tive pena, multa pena, confesso, de não ter assistido a tão surpreendente espectáculo que mais me impressionaria pelo espirito do que pela grandeza do porta-aviões; pois as coisas grandes só raramente são belas. Outrotanto não se dá com as coisas aladas. Estas têm sempre um fugitivo encantamento. Assemelham-se aos espiritos delicados propensos a devaneios. Não repare no volátil e fique boquiaberto perante o paquiderme.

A grandeza de um elefante é menos bela do que a de um pássaro voando. Todavia, há quem não repare no volátil e fique boquiaberto perante o paquiderme. O que porventura me impressionaria até ao irreal alado do bando alado do porta-aviões se ergueu a uma revoada rumorejante a ascender ao azulado dos céus. Isso, sim. Ficaria na minha retina como uma das mais fascinadoras visões. Mais de uma centena de aves metálicas — se me é permitido o simile de mau gosto — desenhando curvilíneas, traçando rectas, descrevendo espirais, é que seria, de facto, um quadro de admirar. E, então nós, simples mortais, que raste-

Jamos, sentr-nos-lamos insignificantes e mesquinhos perante a audácia do homem — que, mesmo servindo-se da máquina, tem o desejo de ser ave... Depois, há espectáculo vê-los. Resta sempre se torna necessário que nem imaginá-los. E o que o leitor, possivelmente inteligente, está talvez a vislumbrar na sua fantasia... E não me venham dizer que o quadro de que lhes falo é falso, porque o não vi. Se tirarmos aos homens e aos factos aquela porção de fantasia que lhes dá um pouco de irrealdade, ficam somente as coisas pesadas, positivas, grandes, com dados e números a catalogá-las. O resto é produto da imaginação. Pois foi esse anelo pelo imaginativo que despertou em mim o capricho insatisfeito de imaginar o céu coberto de aviões num quadro fantástico para os meus olhos. Aquilo que os homens, às vezes, realizam fica muito à quem do que podemos fantasiar. E essa rara virtude que leva o ser humano a tornar menos crua a verdade do caso, se vê e lhe empresta, em certos casos, estumada imprecisão. Ver é uma certeza. Entrever é uma duplicidade do espirito. Daí o tornar-se mais fácil verificar casos positivos do que imaginar mundos irrealis.

E ao leitor talvez lhe pareça irreal o homem feito ave, a voar, caprichosamente, de forma a dar-lhe a ilusão de que é livre, e belo, e simples, e alado como as águilas, que pairam nas alturas e abanam o sol sem se lembrar dos seres que pisam a terra grosseira e suja — como certas almas.



A notícia caiu tão de surpresa entre a pequena tertúlia que houve quem suspendesse o gesto de levar aos lábios a chávena de café. Felizmente que o rumor da sala abafara a voz, não permitindo que ela ecoasse para além da roda de amigos. Porque, afinal, que fundamento poderia ter a notícia? António Palma deixaria assim, de um momento para o outro, o teatro, no qual e para o qual vivia há tantos anos? E que motivos o poderiam levar a tal decisão, quando é certo que ele tem sido um valioso elemento nas companhias de que tem feito parte?

UM DEPOIMENTO OPORTUNO

O CINEMA visto por um artista de TEATRO

É verdade que o Cinema tem atraído muitos artistas teatrais, não como uma falsa miragem, mas como uma realidade incontestada. Mas o Cinema atingiu, porventura, a culminância e expansão necessárias para que os nossos melhores artistas teatrais fujam da luz da ribalta para queimarem as asas na luz potente dos projectores?

— Nem de propósito! — ouvi ao meu lado, a cortar o fio das minhas reflexões.

Levantei-me e dirigi-me para a mesa, onde o actor António Palma tomara lugar. Um conhecimento de mais de trinta anos, cimentado por um íntimo contacto de quinze, dava-me ensanchas para abordar o assunto. E após um rápido cumprimento, disparei a pergunta:

— Constou-me há pouco que o meu amigo mencionava deixar o Teatro para

se dedicar ao Cinema? O que há de verdade nisto?

António Palma pousa sobre a mesa o copo de limonada que levava aos lábios, e fita-me por momentos, com um brilho de surpresa nos seus olhos azues:

— Isso deve ter sido «blague», com certeza. Tanto o teatro como o cinema me entusiasma, mas longe de abandonar qualquer das artes pela outra, tentarei servir as duas com o mesmo fogo e boa vontade; tanto mais que ambas me interessam, quando realizadas com probidade, saber e valor profissional.

A resposta tinha sido de tal modo desconcertante que fazia pulverizar o boato. A ocasião, porém, era bastante oportuna para ouvir do artista — que ainda há pouco teve um papel de destaque no filme *Ladrão precisa-se* — a

opinião sobre diversos aspectos do cinema português.

E a segunda pergunta aflora naturalmente, segundo o fio do pensamento — Qual a diferença que encontra entre o Teatro e o Cinema?

Mais imediato na resposta, o artista esclarece:

— Não noto que entre as duas artes exista profundo antagonismo, visto que ambas assentam num princípio dinâmico, que é a arte de representar. Diferenças, se as há, é no processo técnico de que se servem como meio de expressão. O teatro realiza-se em síntese expressa na unidade de acção, tempo e lugar. O cinema desenvolve-se em minuciosa sequência dos factos que conduzem o argumento.

— Em sua opinião, qual é o melhor realizador português?

Mais uma vez António Palma abre um parêntesis na entrevista, durante qual apenas os seus olhos azues tomam uma expressão de ironia.

— Não é muito fácil responder a uma pergunta menos difícil de formular. Que quer que lhe diga a esse respeito? Tenho trabalhado apenas com os realizadores Brum do Canto e Henrique de Campos. Desconheço, portanto, o processo dos outros realizadores portugueses.

A amenizar a rigidez da forma de entrevista, divaga-se, por momentos, sobre a maneira de dizer dos artistas no cinema, acerca da qual há que afirmar que certos artistas cinematográficos não dão colorido às trases e que

A FORÇA DO CINEMA

EVIDENTEMENTE que não vou, no curto espaço desta crônica, apontar as inúmeras razões pela qual considero o Cinema uma força excepcional na vida moderna. Deixo isso aos que à Sétima Arte dedicam o melhor do seu esforço e da sua inteligência — e acho que fica muito bem entregue.

Mas não quero deixar de concorrer com a gota de água deste apontamento para o oceano imenso do valor do Cinema, não só como Arte mas como factor educativo de incalculável poder.

A cena passou-se no café da «gare» marítima, no dia da chegada da 12.^a esquadra americana. Muitos curiosos olbavam, embevecidos, a silhueta enorme e poderosa do «Houston». Começavam as visitas oficiais.

Uma força de fuzileiros navais, impecáveis nos seus uniformes, fazia a guarda de honra. Ao lado, a banda de bordo, aguardava. E o povo olbava o movimento a bordo — marinheiros que limpavam, incessantemente, os metais brilhantes do navio, outros que corriam, na execução de rápidas ordens — e aguardava, curiosamente, o que iria passar-se.

Ouviu-se um toque de clarim. A voz seca e enérgica dum jovem tenente gritou uma ordem. A guarda de fuzileiros apresentou armas e a banda começou a tocar. E logo aos primeiros acordes, toda a multidão que se encontrava no café se descobriu, respeitosamente. E estava certo: Tratava-se, de facto, do Hino Americano.

Mas achei curioso que todos aqueles portugueses tão bem conhecessem o hino da grande nação americana, ao ponto de o identificarem logo aos primeiros acordes.

Se fosse a «Marselhesa», a «Madelon», o «Tipperery»... Mas o Hino Americano, era, realmente, caso a registar!

E a explicação foi-me dada, daí a momentos, por um rapaz português que dizia a outro, em voz baixa, enquanto se mantinha perfilado e de cabeça descoberta:

— Não tenhas dúvidas, é o hino americano! Eu já o tenho ouvido no cinema! Compreendi, então, que todos aqueles portugueses tinham sido impressionantemente delicados, tinham mesmo, com certeza, deixado aos nossos visitantes uma magnífica impressão, apenas porque existe essa coisa de valor transcendente e incomparável que se chama o Cinema!

Por ANÍBAL NAZARE



Um aspecto faustoso do banquete

UM BANQUETE DE MILIONÁRIOS

A história regista os fenómenos através dos séculos. É a bíblia aberta, escrita com sangue e heroísmos, martírios e dores, sofrimentos e fomes das gerações em luta perpétua, destruindo — para existirem. As plisadas do homem sobre a terra deixaram sempre entre clareiras de esperanças, sulcos profundos de sangue, que não é mais do que o tributo da sua caminhada.

Em cada página fulgurante da história negraja uma dedada de luto, porque o preço do heroísmo é o sangue vertido. Por isso a humanidade tem evoluído sobre a terra enopada

de sangue. As fomes, as festas, o extermínio são flagelos próprios da guerra. E esta, ainda quente e no rescaldo, deixou pelo mundo, além da dor, os povos à beira da fome. Pararam os arados, as charruas. Os braços vigorosos, músculos, que lançavam a semente à terra, preliam gatilhos e, rastejando como toupeiras, atravaram granadas de destruição. O dorso da terra, ferido, chagoso, ensopeou-se de sangue. Onde havia um molinho pôs-se uma metralhadora, onde crescia o trigo armazenou-se munições. E até no próprio mar as redes deram lugar às minas. Desequilibrou-se tudo. A economia, a indústria, as fábricas e os estábulos deixaram partir os seus operários vestidos de soldados para combater. Morreram os gados sem pastos, incendiaram-se as searas com a metralha, tombaram-se as árvores para abrir caminhos; os rodados dos «tanks», os pesados caminhões galgaram tudo — desde as terras de sementeira às belas várzeas de pomares.

E que ficou? Um mundo embaraçado, exangue, espoliado das suas riquezas naturais — terra ferida numa paisagem de moribundos. Por toda a parte a fome alastrando. Há povos que há muito que a sentem. Tão cedo o mundo não se recompõe. Há-de voltar, decerto, as boas colheitas. Há-de novamente haver alegria nos olhos dos lavradores.

Mas é preciso fazer na paz a guerra com a natureza.

Guerra pacífica, de esforços, de luta, de carinho. E preciso acudir-lhe, sarar-lhe as feridas, tratá-la, para que em todo o mundo as papoilas e o trigo cresçam depressa, que há milhões de bocas sem pão. Toda a Europa sofre as inclemências da escassez da alimentação. Nós, aqui neste cantinho, protegidos pela Providência, vimos, como duma varanda, a hecatombe deflagrar. Sofremos, por vivo sentimento de humanidade, a dor dos que se batiam.

E hoje também, por reflexo, compartilhamos de certos sacrifícios que a guerra, a vencidos e vencedores impõe. Todavia, o que passamos em nada se parece com a alarmante vida de certos povos que, a braços com a fome, lutam para existir.

Enquanto na Ásia, na China confusa e tumultuosa, caravanas de gente mendigam esfarrapadas e esfarrapadas, tragando ervas, e mesmo na Europa, crianças e mulheres, molidade e inválidas, trazem nos rostos os estigmas do sofrimento, há ainda pelo mundo quem, alheio a essas dores, possa deslumbrar-se com o fausto e a grandeza de banquetes. Essa ostentação, tão espaventosa, poderá, num momento de tão grave crise económica, parecer até uma estulta provocação. E, no entanto, o caso foi unicamente uma festa vulgar — uma festa de milionários, que podem dormir em berços de ouro.

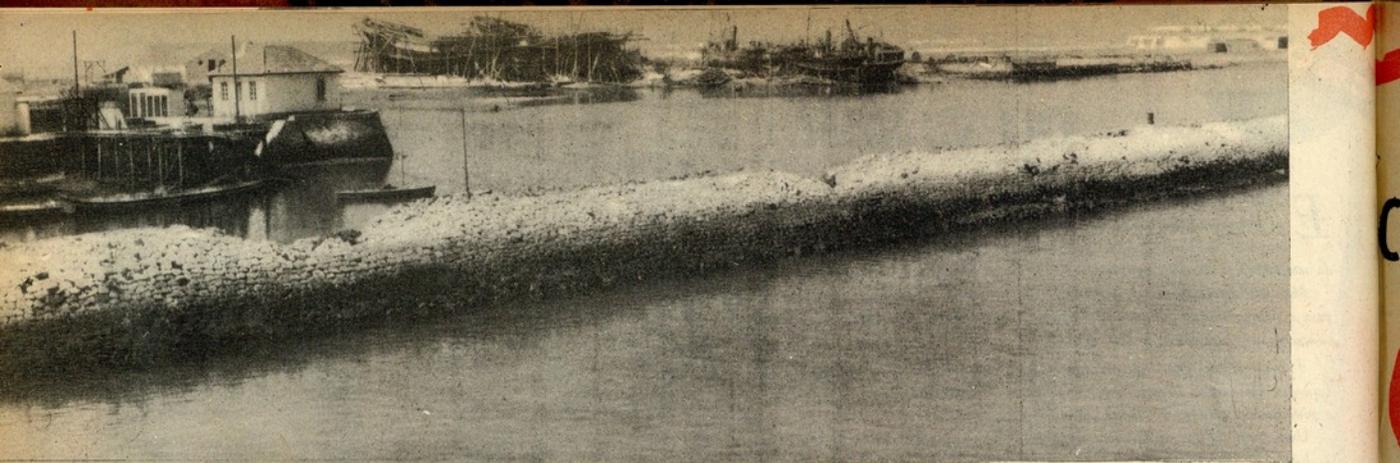
Mas contemos antes: Em Nova-York, no luxuoso ambiente do Waldorf Astoria, a sr.^a Vanderli

(Continua na página 16)



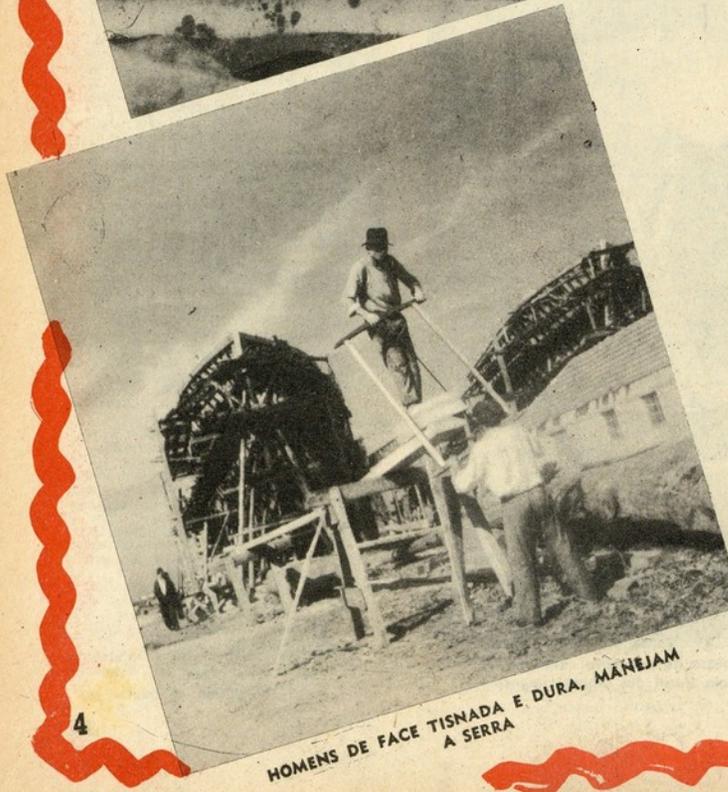
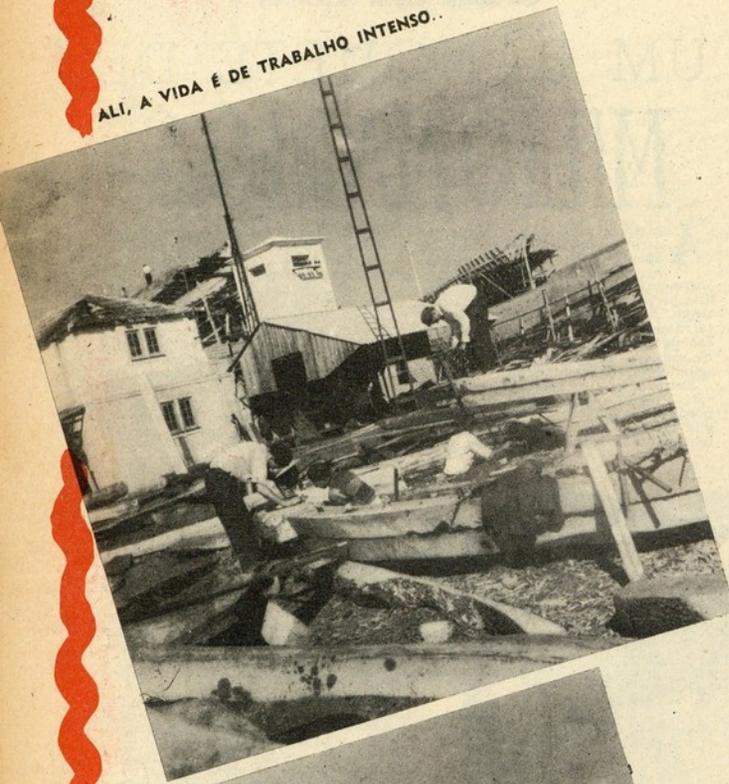
O sr. capitão Silva Pais tomando posse do seu novo cargo de Director da Fiscalização da Intendência Geral dos Abastecimentos

EDMUNDO MOTRENA



VISTA GERAL DA GADANHA

ALI, A VIDA É DE TRABALHO INTENSO.



4
HOMENS DE FACE TISNADA E DURA, MÃNEJAM A SERRA

DO MODO DE FAZER ESTA VIAGEM, DO ESPAÇO EM QUE SE FARÁ E DE UM NECESSÁRIO RECUEO NO TEMPO.

Esta é uma viagem inusitada; esta não é a viagem dos carros de luxo com senhores dispendiosos e senhoras gordas que para tudo olham com olhos de carneiro mal morto e de tudo bocejam; esta não é a viagem de turismo, nem o fim-de-semana, nem nada disso. Esta é uma navegação, com pó e vento e ardências de sol e de sede, como as outras, as antigas, eram navegações

em tempo de tormenta e vento esquivo, de tempestade escura e triste pranto.

Esta é uma viagem como agora se recomenda que se não façam viagens: com olhos de ver.

Deixai os vossos olhos de funcionários públicos, deixai a vossa alma de leitores da secção «Pela cidade». Deixai esse invólucro deshumano e torpe de que a pouco e pouco vestiram a vossa inocência fatal. Ficai com a alma branca como a dos panos com que vossas mães vos envolveram quando nascestes em dor e sujidade—tal qual como qualquer outro homem. Nessa altura seremos todos irmãos e irmãos de mãos dadas e asas nas almas ver esta terra ignorada que mede cinco léguas de norte a sul e léguas e meia de nascente a poente.

E recuaremos trezentos anos e veremos a areia cobrir toda aquela superfície, parda como a das litografias dos desertos que tendes na vossa sala de jantar, e solta como a das notícias que os jornais vos dão vindas da Arábia e da Líbia. Então nenhum ser ali dormia ao lado de outro ser, nem uma mancha posta pela sacrilega mão do homem enchia aquela vastidão de areia movediça e de água fugidiva. Só de onde a onde um tufo de junco rompia a alvura pardacenta do chão, espelhando o seu verde-negro na água azul que o sol e areia bebiam à compita. Mais longe, mais branco que a areia, um esqueleto de rés abandonada à morte por pastores vindos do sul punha traços sinistros e calcinados no manto do chão. E sobre tudo, sobre o próprio silêncio, estranho e grande e caprichoso, deus mitológico e bailarino pagão, o vento silvava e labutava mudando montes e arrastando aves que plavam, como se quizesse varrer daquele seu reino todo o vestígio de vida.

Depois uma gafada atreveu-se a procurar ali o sossego que a aldeia lhe negava e a solidão imensa prometia. Dormiu a primeira noite numa cova da areia, sob os ramos de um dos raros pinheiros que o vento ainda não soterrara de todo. No alto havia um céu azul, estrelado e frio, e foi essa a primeira noite em que os olhos da leprosa se fecharam serenamente para o sono e em que o vento se recolheu. Depois, surgiu o sol, a mulher levantou-se e a água gelada e límpida dos charcos correu-lhe suave e refrescante sobre as pústulas corruptoras. Sentiu fome, mas não a matou nesse dia: a fome ficou por três séculos a companheira de todos os que ali sofrem. Cavou com suas mãos anquilosadas uma cova na areia: a água manou e era fria e sabia a pó.

À noite, caída de fome no fundo da sua cova anónima, ouviu um tropel surdo. Ao longe um mosquito berrou um estúpido de desânimo. Ergueu-se e subiu até ao alto da duna. O rumor abafado recomeçou e um homem surgiu à gelada luz da noite; impelia à sua frente um boi que marchava vagaroso e indiferente. A mulher recuou, arrastando-se cautelosamente, para a cova, levando nos olhos e nos ouvidos

a imagem e o som da cõdea de plumeira que o homem roía. Foi ao dobrar a duna e ao meter-se no refúgio seguro daquela cova esquecida dos homens que o ladrão de gado deu com leprosa.

—E do monstruoso conúbio nasceu uma raça que pode até parecer vindo em barcos naufragados de planícies ou ter descido de serranias adusto e sáfaras que expulsam em anos de fomes e frios os seus filhos pobres.

AS RIQUEZAS DA TERRA E A GENTE QUE MORA NELA

Correram anos e anos. Cresceram as choças de lodo e junco. Nasceram, cresceram e morreram homens. Amassaram-se as areias com os lodos, as grimas e as podridões, e as culturas nasceram numa grande faixa verde.

Centeio, cevada, aveia, por vezes trigo, mas principalmente milho, batata e feijão—tudo prodigamente aquela areia foi dando a quem não sofria. Companhia constante, a minhoca nunca abandonou o gafanhoto porque os processos de cultura eram produto de uma técnica insuficiente primitiva e os meios de transporte incapazes de drenar a produção para mercados convenientes. O homem confiava nos seus braços e na sua dor para fazer frutificar a areia solta. Tudo o mais era impossível, tudo o que não fosse produto de um trabalho intenso era milagre que só Deus podia fazer. Toda a choupana trabalhava para fazer a terra, num esforço penoso e humilde—toda a choupana desde o homem ao suíno que dormia a seu lado—cavando, fossando, azedando. A lama e o molpo da laguna, os peixes e os moluscos apodrecidos, os esterco, o suor misturados durante trezentos anos com estas areias. Das culturas de um ano ficavam para o outro um enriquecimento em raízes e folhas e colmos podres que iam dando à areia fuma uma tonalidade acinzentada cada vez mais intensa. Mais tarde a construção de poços permitiu a rega e esta exigiu uma técnica afinadíssima: era preciso traçar sobre a areia a vida regada de lodo que evitasse a perda total e líquido antes que chegasse às raízes sequiosas. Depois, nos nossos dias muito lentamente, com desconfiança os adubos químicos vieram vindo. De Aveiro a Mira e de Ilhavo à errante Barra que cortava o cordão litoral perto de Ovar, ora demorando-se e frente a Vagos, até que se fixou no poente de Aveiro. Toda essa areia vai transformando lentamente numa rica planície cultivada.

As únicas vias de comunicação fáceis eram os braços da laguna e ao longo deles se estabeleceram os casais que originariam aldeias com os nomes dos fundadores. Cortados embora por baixos dificilmente transportáveis mesmo para barcos descarragados por esses braços da Ria era feito todo o tráfico comercial e deles se tiravam os molhos e os lodos que engordavam as areias. Por isso a primeira zona a ser cultivada foi a das margens do canal: margem ocidental do canal do Boco, desde a Vista-Alegre até às salinas de Aveiro, e margem oriental do canal do Areão. Entre os dois canais não se fez nada, o deserto permaneceu, cortado aqui e ali por pinheiros melcos submergidos em ondas de areia, por perigosos atoleiros onde podiam morrer de pé nos invernos chuvosos homens e gados, e por pequenos juncais e alguma relva. Deserto era também todo o cordão litoral entre a laguna e o mar. Estava reservado aos nossos dias a conquista dessas extensões.

Nessa zona cultivada tudo se disp...

CRÓNICA DO DESCOBRIMENTO E CONQUISTA DA

GAFANHA

POR LÚCIO VIDAL
Fotos de JOÃO MARTINS
AMÁVELMENTE CEDIDAS PELA CASA
J. C. ALVAREZ, L.D.A

na segundo um rígido determinismo geográfico: primeiro a laguna, o rio, depois uma faixa de culturas, a seguir casario, afastado das marés vivas, depois nova faixa cultivada e antes do sertão das «Arelas Gordas» uma fila de pinheiros esparsos e raquíticos em permanente luta contra o vento e a areia movediça.

Por tudo isto o nível de vida era excessivamente baixo. O solo começava a vibrar bem e com pouco trabalho. Mas para vencer naquela empresa geográfica fora preciso ter apenas, durante quase trezentos anos, as necessidades do porco. O gafanhão não parou a sua casa com o animal: como pede em muitas regiões portuguesas, o viver na pocilga. Cavando a areia, secando no mar ou na laguna, ficando molço ou velejando para dentro com barcadas de produtos agrícolas, todo o povo da Gafanha vivia na vida tranquila mas miserável, em que os progressos eram custosos. Das antigas cabanas de aleiva do chão duro e duro dos juncais ao actual edifício de cimento armado e pretensas arquitectónicas da Gafanha da Ilha-da-Vila val uma imensa distância, havia em poucos anos mercê do apuramento da classe comercial. Os entes morriam serenamente, sem a necessidade do médico do que era passar a certidão de óbito depois e as leis a exigir. Para quê receber medicamentos caros e que só havia a povoações remotas ou recomendar a higiene impossível? Como as autoridades queriam os cadáveres para enterrar nos cemitérios das vilas e pagarem taxas por isso, tinham de os levar em barcos ou, se para Vagos e inverno, em caravanas fúnebres que atravessavam o deserto chefo de atores e charcos numa viagem com aspectos macabros e ridículos. As crianças nasciam ao lado dos suínos das galinhas, recebiam as vacinas da febre, eram desmamadas com aguarante, tinham uns ventres enormes, e sabavam em anjinhos ou em rubras bocas bexigosas e opulentas de seios ancas ou rapazes brigões de peito batado a que a vara do moliceiro encostava como a uma rocha. Os homens tinham a face tisonada e dura, fortes relevos arredondados nas maçãs do rosto mongoloides e nos belcos ossos, negros e feridos; as pernas rubeadas pelo esforço de puxar o arco à vara ou caminhar na areia sustentavam um tronco, curto e grosso. As mulheres, abafadas em challes, o rosto e pescoço cobertos cuidadosamente por um lenço colorido, um sapê bem enterrado até às orelhas, uma defesa feroz contra o assalto da radiação, a ardência do sol e as infiltrações da neblina e da areia, tinham enquanto novas uma pele surpreendentemente fina, e um aspecto fecundo e fêmeas fortes; depois a velhice retilizava-as a montes corcovados de farpões negros e rugas negras. A vida dividia-se em quatro tempos — trabalhar, comer, dormir e beber — e por estes espaços — a areia e o barco. A

autárquia económica desta gente conhecia dois limites: o pano do vestuário e o vinho. O barco era por vezes casa, oficina e salão de festas. Os seus arraiais eram ajuntamentos anárquicos de gente vinda de todas as Gafanhas, ocorrendo ao estampido dos foguetes para bailar e beber ao som de uma música qualquer no meio de uma poelrada espessa de areia suja. Ao Sampaio da Torreira iam numa frota imensa milhares de gafanhões a comer, beber, brigar e amar na areia da romaria, onde se encontravam os pescadores e lavradores de todas as margens da Ria de Aveiro. Nas noites de tormenta acendiam grandes fogueiras no alto das dunas à beira do mar, fingindo um farol que atraísse ao naufrágio os pobres veleiros varridos pela tempestade; os barcos dados à costa eram pilhados e talvez chacinados os sobreviventes. Uma vez, quando a barra impraticável ficava ainda em frente a Vagos, um navio que encalhou fez fogo de peça contra os piratas; os gafanhões, apavorados como guerreiros negros atacados pela artilharia de uma expedição colonial, fugiram através do deserto e só pararam na vila. Ainda hoje, nas madrugada de tempestade, entre as rondas da guarda fiscal, cor-

rem a praia em busca de destroços. Não havia escolas, nem se sabia ler nem escrever. Na proa do barco pintava-se uma legenda que tinha mais de ideográfico ou de ritual que de literário. No sul havia um homem que sabia ler e juntava-se gente boquiaberta a ouvi-lo soletrar... um romance de Camilo! Para as gentes das vilas e de Aveiro, professores, comerciantes, funcionários, o gafanhão, que, sem escolas nem estradas, conquistara um deserto, era irremediavelmente estúpido e fatalmente ridículo.

Mas agora tudo está a mudar.

O PODER DO HOMEM E A CONQUISTA DE TODA A GAFANHA

Tiveram destinos diversos os dois pedaços de deserto que restavam. Um, o situado a nascente do canal do Areão, viu o Estado ocupar-se dele. Uma floresta imensa, prodígio do engenho humano, em que cada árvore cresceu à custa do saber de um técnico, da dureza de um capataz e da virgindade de uma trabalhadora, preencheu aquele adusto espaço em branco que separava os gafanhões dos seus recebedores de impostos, dos seus tribunais e dos seus mercados. Nasceram estradas ao longo e através da floresta; a bicicleta, o carro de cavalos e o automóvel surgiram naquelas paragens em que chão movediço deformara os pés dos velhos que viam assombrados chegar aqueles engenhos mecânicos.

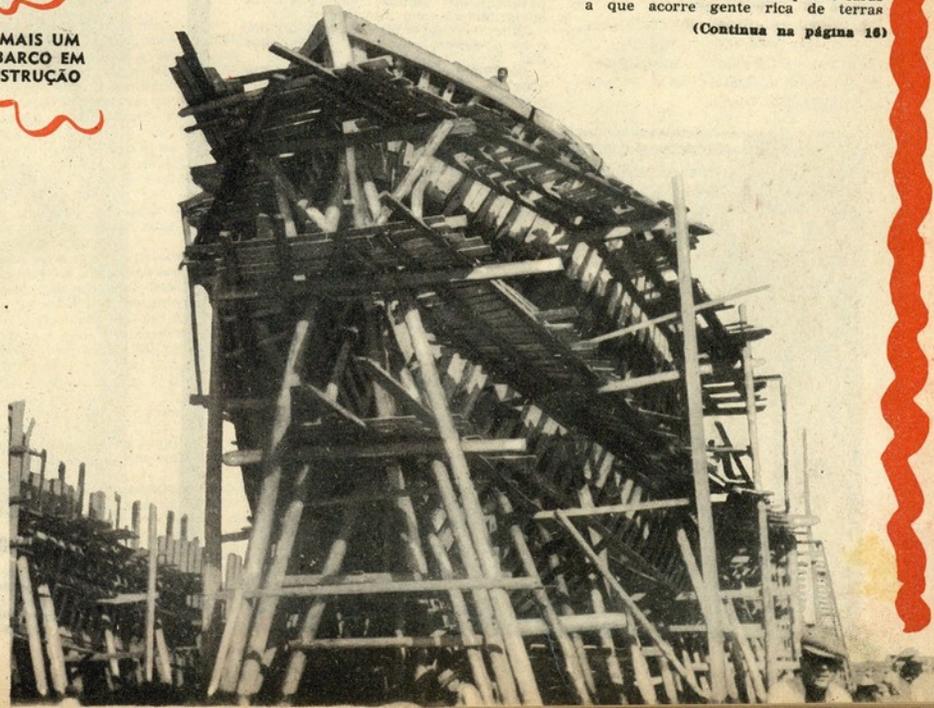
As grandes quintas antigas lam-se fragmentando pelos descendentes dos

casais primitivos, conservando as povoações os nomes dos antigos colonos, e a pequena propriedade surgia. No norte da Gafanha o processo foi mais rápido e os senhores do bacalhau encontraram ali homens que lhes construísem e tripulassem a frota e pescassem o peixe e mulheres que lho secassem por salários baixos. A areia, apesar de tanto suor sorvido e de tanta fertilidade revelada, já não sustentava todos os seus filhos. Emigrantes da Gafanha chegaram ao Ribatejo, ao arroz e às ceifas do sul de Portugal, ao Brasil e à América. Houve quem voltasse rico e montasse loja e emprestasse dinheiro a juros aos lavradores aflitos e lhes comprasse o produto das colheitas e o gado, nos anos maus. Duas novas classes nasceram: a dos grandes proprietários, que emprestavam dinheiro e tinham geralmente uma loja — taverna e mercearia — e gado «a melas», e a dos que só possuíam braços. E enquanto o Estado, subitamente interessado naquele reservatório de soldados e contribuintes, se lançava na obra gigantesca e maravilhosa da plantação de uma floresta, os grandes proprietários, comerciantes e capitalistas tomaram à sua conta a faixa desértica do cordão litoral. Hoje, essas extensões — onde uns ingleses manfacos perderam o dinheiro de uma ferrovia colonial e de tentativas falhadas de culturas por processos científicos — quadruplicaram de valor nas mãos desses proprietários locais, senhores de uma técnica empírica que assenta no esforço de bandos de raparigas filhas de lavradores pobres. E a batata e a ervilha quase mergulham hoje no mar.

Na parte setentrional, junto ao porto de Aveiro, as alterações foram maiores. Constróem-se navios de pesca e de cabotagem e seca-se o bacalhau. Os capitalistas já não se confundem com os lavradores; há uma estrada asfáltica que é o tráfego; nasceram praias caras que é o tráfego; nasceram praias caras a que ocorre gente rica de terras

(Continua na página 16)

MAIS UM BARCO EM CONSTRUÇÃO



Enigma

Orientado por Leiria Dias

II TORNEIO

Problema n.º 3 (15)

CICLISTA ASSASSINADO

POR MÁRIO MARQUES

Como estavam no último dia de descanso, todos os ciclistas faziam os preparativos para as duas últimas tiradas, porque embora o piso fosse todo alcatroado, elas iriam ser as mais duras.

O interesse que este circuito ciclista estava despertando era enorme, sendo o entusiasmo quase louco.

A base deste extraordinário entusiasmo assentava na luta estabelecida entre o melhor «sprinter», Emílio Mota, 1.º da classificação geral, e Oliveira Martins, o grande favorito que reunia as qualidades de melhor rolador às de melhor trepador.

A nota mais simpática da prova era a possibilidade da equipa formada pelos três irmãos — Emílio, Alvaro e Manuel Mota — obter a melhor classificação, dependendo apenas de qualquer proeza que o formidável Oliveira Martins viesse a fazer.

No entanto, todo este entusiasmo se anuviou ao terminar a 1.ª dura etapa, ganha com 12 minutos de vantagem por Emílio Mota. Segundo se dizia, Martins pouco depois de ter ensalado uma fuga com Emílio, despenhou-se numa barreira, na curva mais perigosa, tendo encontrado a morte.

Embora tudo indicasse tratar-se dum lamentável acidente, os organizadores sollicitaram a experiência do nosso Inspector, na esperança de conseguirem a completa certeza dos factos.

O Inspector, uma vez inteirado de vários pormenores relativos à corrida, quis ouvir Emílio Mota, que fez as seguintes declarações:

— Eu e o nosso malogrado Martins ensalamos uma fuga que foi bem sucedida, pois os restantes não deram por isso naquele momento. Estabelecemos uma velocidade formidável, esforçando-me o máximo para acompanhar o valoroso Martins, que impunha uma marcha duríssima. Cerca de 5 minutos depois, no local mais perigoso da estrada, uma ambulância militar passou por nós a toda a brida, envolvendo-nos numa densa nuvem de poeira, e forçando-nos a moderar o andamento. Ao dissipar-se e pô não vi o Martins, e logo calculei que tinha fugido. Tentei com toda a força recolar, mas em breve compreendi que me era impossível, pois reconhecia-lhe o valor. Então, apoderou-se de mim o desânimo e a minha marcha passou a ser bastante lenta. Não foi sem surpresa que verifiquei ser o primeiro. Só então soube o triste acontecimento.

Nas breves perguntas que o Inspector fez aos componentes do 2.º pelotão, entre eles o irmão mais novo do «leader», todos declararam que, pouco depois, logo deram pela fuga e iniciaram uma formidável perseguição, durante o resto do percurso, mas sem terem conseguido alcançar os fugitivos.

Depois de ter meditado sobre tudo isto, o Inspector dirigiu-se a Emílio Mota e disse-lhe:

— A sua narrativa é linda e das mais bem compostas que tenho ouvido, mas é pena que minta através dela, e como tal concluo que matou Oliveira Martins!

Pergunta-se:

— Que notou o Inspector?

— Eram razões suficientes para a acusação? Porquê?

Mande a solução a que chegar até ao dia 12 de Setembro p. f., sem falta, para que possa ser contada.

CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPAS

Para satisfação da curiosidade dos nossos leitores, damos já a constituição de duas equipas, e continuaremos a fazê-lo em números seguintes.

EQUIPA DO «MARTINHO» — Oraval, Alguém, Xis, Rocambole e Rui Mar.

EQUIPA «MISTERIO» — Maria Luíza, Artur Varatojo, Philo Vance, Rapsag e Dr. Fernando Rebelo.

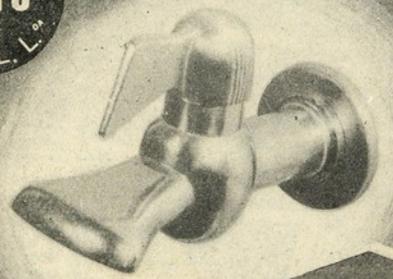
POSTA RESTANTE

Maria Luíza — As minhas desculpas por não ter vindo o seu nome como autora do problema n.º 1. Aproveito a oportunidade para lhe transmitir os parabéns que alguns concorrentes lhe enviaram por meu intermédio.

Júlio Peig — Sempre às suas ordens, e cá o espero, com o entusiasmo que diz.

Rial Verro — Tenho estranhado o seu silêncio! Diga coisas. E os problemas prometidos?

TORNEIRAS PARA TODAS AS APLICAÇÕES



TORNEIRAS TAGO FICOLL S.

EVITE os incomodos e aborrecimentos utilizando em sua casa as Torneiras TAGO



UMA INDISCUTÍVEL PROVA DE AMOR

FOI no campo de concentração japonês de São Tomás, próximo de Manilha, que Gertrudes Hornbostel contraiu a lepra. Soubemos apenas durante uma inspecção médica a que estavam submetidas toda as pessoas que tinham estado internadas. Tal como na França, a lei americana é inflexível e condena os doentes de lepra à reclusão perpétua. Quando chegou aos Estados Unidos, a infeliz deu imediatamente entrada na leprosaria de Carville. O seu marido, o comandante Hans Hornbostel, com 65 anos de idade, combatente das duas Grandes Guerras, e que também esteve internado num campo de concentração japonês, apresentou ao governo americano o pedido de ingresso na leprosaria de Carville. Esperou vários meses e obteve autorização para viver all com a mulher. Apesar dos médicos o terem avisado de que dificilmente escaparia ao contágio, preferiu a lepra à separação da companheira da sua vida. Vemo-lo aqui, pouco depois de entrar na leprosaria, ao lado da sua companheira. E parecem felizes...



ESTA CRIANÇA ESTÁ CONDENADA À MORTE

ESTE rapazito, sentado no triciclo, não fez ainda três anos. Os médicos acabam de pronunciar a sua sentença de morte. Tem ram-lhe o rim e o pulmão direito, a fim de interromper o avanço do cancro. Mas o mal já alcançou o pulmão direito. Dentro de algumas semanas a criança morrerá.

AS AMERICANAS

são as mulheres mais lindas do mundo... mas não sabem olhar...

por FERNANDO D'EÇA LEAL



dizer — outros são os produtos da arte ou da educação.

Entre os caracteres fundamentais cito, em primeiro lugar, a harmonia das formas. São muito mais bem feitas, muito mais esbeltas que as inglesas e as francesas, sendo rara a que não tem umas lindas pernas.

Outro caracter fundamental: a saúde ou a impressão da saúde. Na América, nunca uma rapariga pensou em agradar, tornando-se interessante ou mostrando um ar doentio. O tipo pretensioso, abonecado, porcelana de Sèvres, «Dama das Camélias» ou «Mimi da Bohème», isto para lá não vale absolutamente nada. Não quero dizer que as gordas e as córdadas agradem também.

O que se cultivava é um certo equilíbrio. O que desejam é que a saúde tenha o ar duma coisa natural, e que não deva nada às pinturas do rosto nem às pomadas.

— «Mas — interrompi — com certeza que é devido ao muito desporto que elas fazem, parece até que exageradamente, que não precisam dos institutos de beleza.

Ao que Fransalés atalhou: — «Não, meu caro senhor. A maior parte das americanas, como as francesas, não fazem nenhum desporto, salvo a natação e a dança, seja porque não têm tempo ou então porque isso as aborrece. Do que gostam é de dar a impressão que, em deixando a máquina de escrever, ou o seu «cocktail party», são perfeitamente capazes de fazerem vinte quilómetros em «ski» ou jogarem dezassete partidas de «tennis» sem se cansarem.

— «É claro que se há-de preocupar com a beleza, como todas as mulheres? — perguntei.

Ao que tive por resposta: — «Sim, preocupam-se, mas os cuidados que elas têm com a beleza parecem-se com os cuidados medicinais. Não se sabe muito bem se depilam as pernas para as tornarem bonitas, ou por medo das doenças contagiosas! Tudo deve concorrer para a beleza. De facto, ser bela, sã, sedutora, jovem é, na América, uma espécie de dever nacional! Quanto a «coquetlerie», a delas exclui a provocação e a afectação.

— «E diga-me, Monsieur Fransalés, sobre as suas modas, as suas preferências, os seus gostos?»

— «A sua mania é parecerem-se o mais possível a cinco ou seis protótipos inventados por Hollywood. A operária, a steno e a debutante (menina que faz a sua entrada na sociedade), todas sonham com o tornarem-se notadas por um vestido ou por um chapéu, não feito por elas, com um pequeno nada. Os «nadas» lá não existem.

Preferem comprar um modelo em série — vestido, chapéu e sapatos — que dê bem com os seus tipos e que as tornem parecidas com a Joan Crawford, com a Ginger Rogers ou com a Irene Dunne.

Isto simplifica a questão da elegância, porque os costureiros, as modistas, os cabeleireiros e as «manucures», que têm por hábito produzir por milhares o tipo Crawford ou Rogers, acabam por obter resultados espantosos!

Daqui a impressão que as mulheres americanas são as que se vestem me-

lhor, assim como os automóveis, fabricados por ano em número incalculável, são os melhores do mundo! E tudo em série!

Mas que país admirável! É preciso que se passem lá grandes temporadas para se ficar a conhecer bem, e admirar o que é ali o trabalho, o progresso, enfim, a sua imensa civilização! Porque não vai à América?»

— «Pela mais complicada das razões: porque não sou rico, Mr. Fransalés!».

E logo ataquei o assunto que me interessava, perguntando o significado da sua frase «sobre as americanas não sabem olhar!».

Fransalés, atirando uma fumaça para o ar, disse-me: «Têm, em geral, uns olhos lindos, mas, apesar disso, são nitidamente inferiores às mulheres dos outros países! Porque no seu olhar não tem a meiguice e o encanto das francesas, o romântico e o sonhador das inglesas, e o picante das espanholas! Realmente não sabem olhar!

Aiguas, que pela sua estupenda

formosura nos dão a impressão de Deusas, e não de mortais, diante das quais ficamos extasiados, pagam mal essa nossa admiração!

Vivo há muitos anos na América, e tenho-as observado atentamente. Nos seus olhos tão belos, tão claros, falta qualquer coisa. São como todos os olhos do mundo, que servem para ver, para rir e para chorar, mas falta-lhes o reflexo inconstante, comovente e indiscreto que se chama o olhar, esta faculdade que permite aos olhos não serem simples órgãos visuais, mas também reflexos da alma.

Amam, sofrem, e são felizes, mas para tudo isto nunca lhes passou pela cabeça servirem-se dos seus olhos!

Porquê? Não o sei. Podé muito bem ser porque nunca lhes ensinaram de quanto uns olhos são capazes...

Quem sabe se com uma vasta publicidade, e com uns bem organizados cursos da «arte de olhar», as belas americanas começavam a deixar falar os seus lindos olhos...



CASA JOSE COSTA
AGENTE AUTORIZADO DA
PHILIPS
RUA DE S. PAULO 11-13 TELEF. 24888 LISBOA

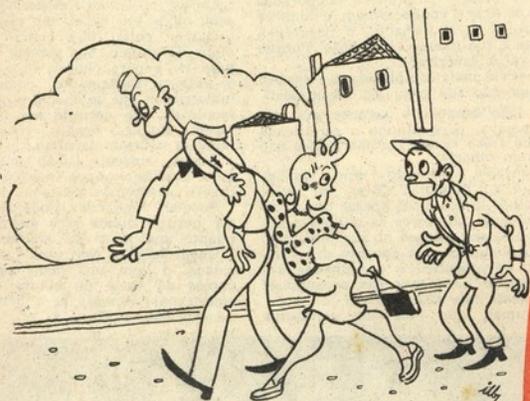
MEIAS • LUVAS
ROSTATER
R. DA ASSUNÇÃO 71 LISBOA
LOJA E 12 ANDAR

por Ilberino dos Santos

Os Americanos em Lisboa



— Lá vem um!!..



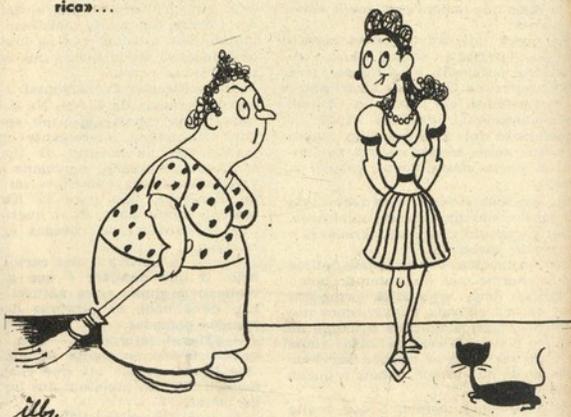
— Porque não falas ao Raul?!
— Oh, filho! Diz-lhe que cresça e... apareça.



— Promete-me que faremos a viagem de nupcias para a América no teu porta-aviões?...
— Yes...



— Quere dançar?
— V. é americano?
— Não. Porquê?
— Desculpe, não danço... Prefiro os «Made in América»...



— Quem me dera ir para a América...
— Não tinhas medo?
— Mas é que se fosse, iria com um americano...



— Porque será tão alto?!...
— Então querias que um habitante dos arranha-céus fosse como tu, que morás numa cave?!



Rebello, na Guarda, com dois sacerdotes seus admiradores

Vários aspectos da VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA



Aguardando a chegada dos ciclistas, em Beja. Entre os assistentes encontram-se as artistas Irmãs Meireles, que cantaram no festival em sua homenagem.



A passagem dos corredores em pelotão, em Alcácer do Sal

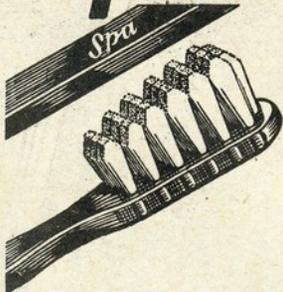


À partida de Faro



Um aspecto da chegada a Faro. O governador civil do distrito veste a «camisola amarela» aos vencedores da etapa, Custódio dos Reis e João Lourenço Júnior, a quem também fez entrega dos cronógrafos «Regines» oferecidos pela Companhia de Aviação «K.L.M.»

USE
SEMPRE
Spa (Regd.)
ESCOVAS DE DENTES



“Spa” a nova escova de dentes com pêlos de “nylon” representa um grande adiantamento na higiene dental. “Spa” limpa melhor os dentes, dura mais e é muito higiénica. Uma simples enxaguadela e a “Spa” fica tão limpa e elástica como quando foi comprada. Dureza média e rija. A venda em toda a parte.

Fabricadas por
JOHN FREEMAN & CO. LTD.,
SPA Brush Works, Chesham, Bucks., England

Depositários: J. Pires Tavares, Sucrs.-J. da Silva Pires, L.^{da}-Lisboa

R.T.2 *para a higiene dental!*

A MUNDIAL
SEGUROS

CONTOS ALEGRES FRANCESES

Armando Ferreira, escritor alegre de muitos e fieis leitores, dirige, agora, a *Antologia dos Humoristas*, cujo primeiro volume, que temos à nossa frente, se intitula «Contos Alegres Franceses».

Anatole, Maupassant, A. Silvestre, Courteline, Donnay, Cami, Colette, Tristan Bernard e outros estão representados neste volume, que tem esmerado arranjo gráfico e abre com um prefácio do escritor Pierre Hourcade.

É justo salientar-se que em melhores mãos não podia ser entregue o encargo de organizar uma Antologia de humoristas.

Armando Ferreira, humorista brilhante, era, de facto, o escritor indicado para orientar essa colecção, a que, decerto, está destinado um êxito invulgar.



UMA ARTISTA QUE TRIUNFOU NO BRAZIL

Ester Leão

A ACTRIZ QUE NÃO QUIZ
DEIXAR DE SER PORTUGUESA



Uma atitude de Ester Leão, a brilhante actriz que o Brasil consagrou

DEPOIS de uma actuação, como sempre brilhante, em vários palcos do Rio de Janeiro—onde começou com a peça «Manicó», de Francisco Leão, arrancando de toda a crítica, unânime, os mais entusiásticos elogios—Ester Leão, accedendo aos pedidos insistentes do diplomata Pascoal Carlos Magno e da Casa do Estudante do Brasil, à frente da qual se encontrava, como se encontra, a figura de rara distincção que é Ana Amélia Queirós Carneiro de Mendonça, enveredou pela carreira tão difícil como

espinhosa de ensaiadora, conquistando, pelo seu saber, pela sua competência, pela sua mestria, a mais alta posição em toda a cena brasileira. Recapitular todos os seus triunfos é descrever tudo o que de mais grandioso e belo se tem feito no Brasil nesta última década.

Em 1939, com o Teatro do Estudante, Ester Leão, em alguns meses de labor intenso, servindo-se de material humano colhido ao acaso entre a massa estudantil, conseguiu erguer um dos maiores, se não o maior, espectáculo a que o Rio de Janeiro já assistiu: «Leonor

de Mendonça», drama de Gonçalves Dias, talhado em moldes clássicos, vigoroso e vibrante, exigindo, para a sua perfeita apresentação, artistas longamente experimentados, que conseguissem arrancar da peça todo o seu intenso dramatismo. Nesta peça, levada à cena no Teatro Municipal, Ester Leão houve-se de tal maneira, que a crítica, delirantemente, a elevou aos mais altos píncaros da consagração. Bandeira Duarte, crítico do jornal «O Globo», chegou a afirmar, num rasgo de sã compreensão da verdadeira arte, que Ester Leão devia ser considerada de «utilidade pública», devendo o Brasil fazer todos os esforços para que ela não mais o abandonasse. E tudo isto dito exuberantemente, na primeira página do jornal, facto absolutamente inédito até àquele momento! E esta obra foi inegavelmente uma criação exclusiva de Ester Leão, pois que os seus intérpretes, uma vez fora da sua proficiente direcção, voltaram ao anonimato ou à banalidade inexpressiva.

Nessa mesma época, Ester Leão, ainda com o Teatro do Estudante e ainda no Teatro Municipal, pôs em cena «Os Romanescos», de Rostand, e ultimou os preparativos da «Duquesa de Pádua», de Oscar Wilde. Cada apresentação era um novo triunfo—e o seu nome, já exaustivamente consagrado como intérprete, criava novas azas, impondo-se agora como ensaiadora.

Na época seguinte, com o Teatro do Estudante, que a não dispensava, levou à cena, no Teatro Regina, a peça «O Jesuíta», de José de Alencar. Dizer do seu novo triunfo era repetir um lugar comum nas actuações de Ester Leão!

Surgiram, então, as solicitações em larga escala. E Ester Leão viu-se assediada por todos os lados, todos ambiçãoando a sua presença. Ainda com o Teatro do Estudante apresentou «3.200 metros de altitudes» e «Dias Felizes», peças que arrancaram do Professor da Sorbonne, René Porier, a afirmação espontânea de que considerava o nível desta representação incomparavelmente superior ao que verificara na sua apresentação em Paris! E isto, no Rio de Janeiro, com elementos que, na sua totalidade, jamais haviam pisado um palco!

É difícil recapitular tudo o que Ester Leão fez de então para cá. Foi constante a sua actividade, saltando do Teatro do Estudante ao Teatro Académico, deste à Associação dos Artistas Brasileiros, ao Colégio La-Fayette, ao Teatro Universitário e à Companhia Dramática de Morais-Odilon Azevedo, onde, durante uma temporada, emprestou o seu saber para a perfeita interpretação de grandes peças, como «Bodas de Sangre», de Garcia Lorca.

Ainda com o teatro profissional, Ester Leão lançou a Companhia Eva Tudor, em 1940 ou 41, com tal proficiência que a impôs ao mais alto conceito do público, motivo por que essa companhia se tem conservado até hoje, graças ao

OS MAIS FINOS PRODUTOS COLONIAIS NA "FEIRA POPULAR"



Stand «CHÁ CELESTE»

O delicioso chá da Colónia de Moçambique, da Sociedade Chá Oriental
Rua do Alecrim, 5-1.º — LISBOA

A Ática apresenta o ultimo livro escrito em Portugal

POR

PLÍNIO SALGADO

“Como nasceram as cidades do Brasil”

Neste livro, dedicado á Nação Portuguesa pelo grande escritor brasileiro, se descrevem, entre outros capitulos, o esforço, o heroismo e as capacidades de accção e de trabalho do homem lusitano que, em terras do Novo Mundo, construiu, fundou e desenvolveu, como pioneiro e colonizador, as maravilhosas cidades da grande Nação Brasileira. Todos os capitulos de um grande interesse literário e humano, são um hino, a par da segura cultura histórica, ao génio portentoso da accção luso-brasileira, para a expansão e grandeza da terra brasileira.

UM DOS LIVROS MAIS NOTÁVEIS DOS ÚLTIMOS TEMPOS—UMA BELA EDIÇÃO PROFUSAMENTE ILUSTRADA
A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

ÁTICA, S. A. R. L. — Escritórios: Calçada do Sacramento, 14, 2.º — Tefef.: 2 0642

CHURCHILL fez chorar o General GIRAUD!



Quatro instantâneos do general Giraud, chorando de emoção enquanto Churchill discursava

Quando Churchill, aqui há tempos, pronunciou um discurso em Metz, tanta era a emoção que ele punha nas suas palavras que o general Giraud chorou. Chorou o general e muito mais gente que o escutava.

E um fotógrafo indiscreto não resistiu a registar, com a sua máquina, as lágrimas de Giraud!

Churchill é aclamado pela multidão, depois de ter pronunciado o seu discurso



impulso inicial que Ester Leão lhe soube dar.

Em fins de 1944, a imprensa do Rio de Janeiro procedeu ao balanço das actividades teatrais do ano, tendo considerado o melhor espectáculo aquele em que Ester Leão, para a Associação dos Artistas Brasileiros, apresentou, no Teatro Municipal, o «Auto de El-rei Seleuco», de Camões, o «Auto da Mofina Mendez», de Gil Vicente, «Judás», de António Patrício, e «Y-Juca-Pirama», de Gonçalves Dias.

Pelas suas mãos têm passado os mais diversos elencos, quer de profissionais quer de amadores, representando o grande teatro de todos os tempos, interpretando Camões, Gil Vicente, Marcelino Mesquita, António Patrício, Shakespeare, Oscar Wilde, Rostand, Garcia Lorca, José de Alencar, Gonçalves Dias, Martins Pena, além de outros menores, em quantidade inculável.

Recentemente, reconhecendo os seus dilatados méritos, a Prefeitura do Distrito Federal convidou-a para dirigir a sua Escola de Teatro. Mas impunha uma única condição — e *sine qua non* — a sua naturalização. E Ester Leão, agradecendo a deferência com que fora distinguida, declinou do convite amável...

Neste momento, a sua actividade continua, continuando o seu nome a projectar-se cada vez com mais realce e mais claridade.

Mas faltava alguma coisa a Ester Leão. E que ela não se esqueça, um só momento, como provou pela sua atitude para com a Prefeitura do Distrito Federal, de que era portuguesa. E chegou a oportunidade de ela poder satisfazer a sua maior e mais constante aspiração: a apresentação, no Brasil, em larga escala, das nossas grandes peças. E ainda este ano, na companhia de Maria Sampalo, encenará «Inlitz e Isabel», de António Patrício, sob os auspícios das nossas autoridades diplomáticas.

O que Ester Leão irá conseguir com essa peça é difícil de imaginar. Porque, como sempre, os nossos sonhos de grandeza e deslumbramento, de arte e de apoteose, de fantástico e de maravilhoso, ficam à quem, infinitamente à quem, das suas extraordinárias realizações.

Rio, Agosto de 1946.

TENHO que lhes confessar um grande crime que cometi: exercei a escravatura. Ou, por outra, exerci, verdadeiramente não exerci, mas comprei uma preta. Quando andei por África, vão longos anos, fui ambulante, isto é, corri o interior de Benguela, aqui e ali, em cata de borracha, que nesse tempo era ouro. Arranjei um dia um fornecedor, empacotei as fazendas e avancei para a selva com uma coluna de carregadores. Possuía um capital formidável: uma saúde de ferro, uma audácia e temeridade sem limites e papagueava a língua bunda como um moleque. Quanto a dinheiro, isso era coisa de somenos nessas plagas africanas. Ia e vinha como o vento, às vezes como um ciclone, não sem fazer estragos. Um homem com apresentação, com parola, quem que podia carregar um navio de mercadorias a crédito.

Foi o que me sucedeu a mim. Com 23 anos era um Apolo (desculpe-me a modéstia) e um Hercules. Sóco que eu ferrasse, derrubava logo o adversário redondo no chão, com guia para a farmácia. Tinha dois olhos que luziam como dois diamantes. Koi-l-nor. Pol-vriado não me faltava; havia lido a «História de Carlos Magno» e dos «Doze Pares de França», o «Amor de Perdício» e a «Cartilha de Mestre Inácio»; era um erudito. E quanto a línguas, era poliglota: na minha, na que Deus me deu, sabia circunloquiar, e quando o adversário me queria agarrar nos cornos dum dilema, passava-lhe uma rasgada literária que o deixava knock-out. Arranhava o espanhol, que aprendera com uma senhorita na praia da Figueira; sabia o ballundo, cujo professor foi o *quimbar* do armazém onde me iniciara em Benguela.

Agora sabem os senhores porque aprendi o ballundo? Não foi propriamente para me exercitar no comércio, como disse fazer eu a principio, apenas com 17 anos, pouca conta. E que no armazém do *Chicondombolo* (galo), primeiro me empregara, comecei logo a ver os pretos dirigirem-se a mim. Que diziam eles? *Onduco rionce, eré*. Que raio significa aquilo, perguntei eu ao *quimbar*, *Mgana*, quando saber como se chama. Diz-lhes que me chamo Procópio Alcaravão. Gargalhada do *quimbar* e de mais servicais da casa que all estavam. Confesso que fiquei vexado e quase resolvi a repellar a afronta do escárneo. Uma luz repentina se fez, porém, no meu espirito. Os pretos não eram brancos, ou por outra, não eram civilizados. No seu linguajar rude, não havia significação para António, Ramiro ou Procópio. O que eles entendiam era um nome gentilício, na sua língua nativa. Para nunca mais se rirem de mim, resolvi aprender o seu dialecto.

O *quimbar* do armazém era o meu dicionário; e apanhei num leilão uma gramática do Padre Le-combe (ou não tivesse eu uma educação clássica) e meti-me a aprender com afincio. Vamos lá, Sachitota (bocado de borracha, nome de *quimbar*), mulher, como se diz? *Muato*; bem, mas para dizer mulher minha? *Muato rianque, ngana*. Branco? *Chindere*. E quando o branco é bom, como eu sou? *Chindera chumbra*. *Chindere chumbra chitunda calungu*. Era paiz! Isso é comprido de mais, Sachitota. E o que significa? O bom branco que veio do mar. E como chamam vocês a Portugal? *Puto*. Ih, até parece que vocês querem fazer pouco de nós.

Ao fim de três anos falava o *nbundo* como um moleque. Junto às outras línguas que já sabia, fiquei sendo uma espécie de papa-línguas.

Mas o mais engraçado, engraçado não, o mais natural, é que, como não apresentasse de pronto um nome, não tardou muito que fosse crismado. Começaram a chamar-me *Sachingongo* (placado das beixigas). Não posso dizer que me agradasse o apelido, que me fazia lembrar uma certa deprimentidade do meu rosto, que a varíola tinha devastado um pouco em criança. Era o meu único defeito físico, porque lá são e escorrelto era eu, e esbelto como uma estátua grega, por assim dizer uma casa nobre e clássica com cicatrizes na fronteira.

Praticquei uns anos em Itangero, na Catumbela. Lobo era ainda apenas uma bafa larga e solitária. Por fim, cheguei a permutador. O comércio all era o primitivo, o da troca de mercadoria por mercadoria. O preto entregava-nos a borracha, a cera, o marfim, e nós davamos-lhes fazendas, agulhas, dentes e objectos de uso doméstico. Era bonito, como em Catumbela, ver deslizar as comitivas pelos montes, como em peregrinação, em direcção à villa. Vinham alinhados um a um, com as suas cargas às costas, a cantar, numa toada dolente, um tanto melancólica, em cores que traduziam o mistério e a profundidade da selva, com os seus perigos e maravilhas, os esplendores da sua exuberância, os animais ferozes e daninhos, o generoso leão, o corpulento e sagaz elefante, o repugnante chacal, o lobo, a pantera, o búfalo, o rinoceronte e a fauna dos rios, com o

Amor é a Princesa Escrava
Por António Ruas



arteiro crocodilo e o complacente e anafado hipopotamo.

Os chefes das comitivas (*seculos*), que vinham trocar a borracha ao litoral, não a colhiam eles próprios. Eram, como o branco, negociantes (*efumbros*), que iam longe, às Ganguelas, buscar a preciosa goma, que pagavam com as fazendas que traziam das casas portuguesas.

Atraído pelo mistério da selva, pela aventura do desconhecido, resolvi partir para o sertão. Poucos brancos ainda o faziam, só desses pioneiros como Silva Porto, que amavam o imprevisito e o perigo. Para mim a África não podia ser essas cidades como Luanda, já gaharda na sua casaria apumada, com as suas praças e ruas, onde imperava o branco com os seus costumes e trajos, com os seus regulamentos e autoridades e com os seus vícios. A África devia ser esse interior cheio de matas, de florestas virgens, de plantas que surgiam do solo sem ninguém as ter semeado, com a vida selvagem do homem em luta com a natureza e com as feras, com os seus rios prenhes de pelxes e de reptis, as suas sanzalas de caça, os seus homens e mulheres limpos da mancha da civilização.

Medo, não tinha; não lhe conhecia a côr. Não se pode dizer que fosse só propriamente coragem, era desconhecimento. Antes dos perigos, não pensava neles, não os previa, e ao surgir, não sei porquê, torcia a cara de mim uma indiferença mirrânica.

Arranjei fazendas e carregadores e abalei. Não vou aqui narrar as peripécias da viagem até ao Bié, não por que não merecesse a pena, mas porque me alongaria muito. Instalei-me, em pleno maio, numa povoação bem pequena, mas que me servia optimamente de centro de operações. E pus-me a negociar, isto é, a permutar. Fiz amizade com o soba e os magnates daquelas redondezas. Consegui que a casa *Chicondombolo* me cedesse o *quimbar*, o *Sachitota*, que me era muito fiel e descaído, não me rosnava nem às vezes num motares de borracha, por cachaca. Era o meu secretário particular, o meu conselheiro, prudente, asiado, que me andava sempre a livrar de perigos e empecilhos, bom negro dos seus quarenta anos.

De seu quartel general do Bié, derivava para diferentes zonas em procura de negócios. Quanto mais longinqua era a viagem, mais frutuosa se tornava, pela barateza dos géneros permutados; não era só por isso que eu me introneta no âmago do sertão, mas pelo meu espirito de aventureiro incorrigível.

Cheguei um dia, depois de muito jornada, ora montado num boi-cavalo, ora a pé, à sanzala dum *seculo* alto, espadado, barbado, bela figura de negro, já muito distante do Bié, para onde perspectivas faquelras me tinham atraído. O *efumbro*, com bastante cavalheirismo gentilico, instalou-me numa das suas melhores cubatas, fornecendo também o devido alojamento aos meus carregadores. Bom negócio fiz com ele, trocando, para as mercadorias que trazia comigo por borracha de primeira. Se eu fiquei satisfeito, ele não ficou menos, pois que acima de tudo evitou de ir ao litoral, a vender os seus géneros por fazenda, com o dispêndio de muitos dias de viagem e o gasto de comida aguardando para a sua comitiva. Bateu as palmas ao negócio que lhe fiz, que era sempre o sinal de exultação que essa gente simples manifestava quando o branco era correcto com eles.

Não só o *seculo* era um belo homem como também algumas das suas filhas, que as tinha em quantidade, umas de vinte mulheres, se podiam chamar belas. Os meus olhos reviram-se na maravilha dessas estátuas de ébano, que na sua correcção de formas, na sua livre expressão tropical, me ofereciam um grande encanto. E uma grande asmelra julgar-se que a beleza só é

branca. A beleza não tem côr; só é isto: beleza.

Conheci em Lourenço Marques um jovem belo, rico, elegante, nobre e influente, que considerava a côr branca uma côr crua, agressiva como a cal da parede, detestável. Um dia, uma dama europeia assediou-o, importunou-o, declarou-se-lhe por mil maneiras; farto daquela insistência que não afrouxava, o manebo teve de se descartar dela, numa investida incriminosa: «Que pena, minha senhora, V. Ex.º não ser preta!».

Mas, voltando ao assunto: dentre as filhas do *seculo*, fixavam-se principalmente os meus olhos numa delas: era uma rapariga fula, perfeita estatua de bronze, boca pequena, dentes alvissimos, nariz levemente achatado, selos tímidos, uma verdadeira *Vénus* negra, que me perturbou os sentidos e que ainda hoje ao lembrar-me dela, me causa frémitos de admiração.

Empregando os bons officios do meu secretário particular, propus ao *seculo* desposar essa sua filha, à moda do sertão. Qual não foi, porém, o meu espanto quando, ante a proposta, o semblante do negro se enrugou. E que a moça não era filha, era uma escrava das Ganguelas que ele havia comprado e que destinava ao seu harem.

(Continua na página 16)

MEDICINAL

PASTA DE COUTO

TRATA
gengivas doerçadas
ou sangrentas

EVITA
estomatites mercuriais
ou birmuticas

MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Medicinal pequena — tubo 11\$00
Medicinal grande — tubo 17\$50
Vulgar pequena — tubo 4\$00
Vulgar grande — tubo 7\$00

ika

MATA

PERCEVEJOS
BARATAS
PULGAS
TRACA

À VENDA EM TODA A PARTE

Caixa pequena 3\$00
Caixa grande 8\$00

Dep.º: COUTO, L. 4ª — Porto
L. S. Domingos, 108

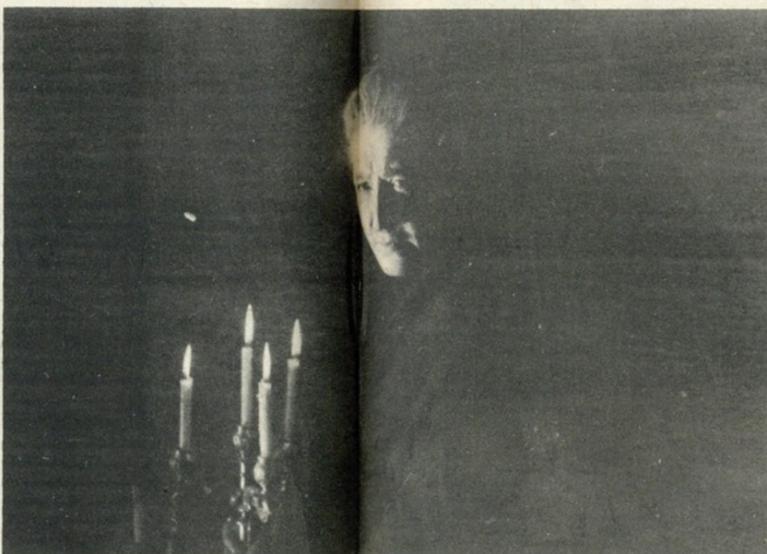
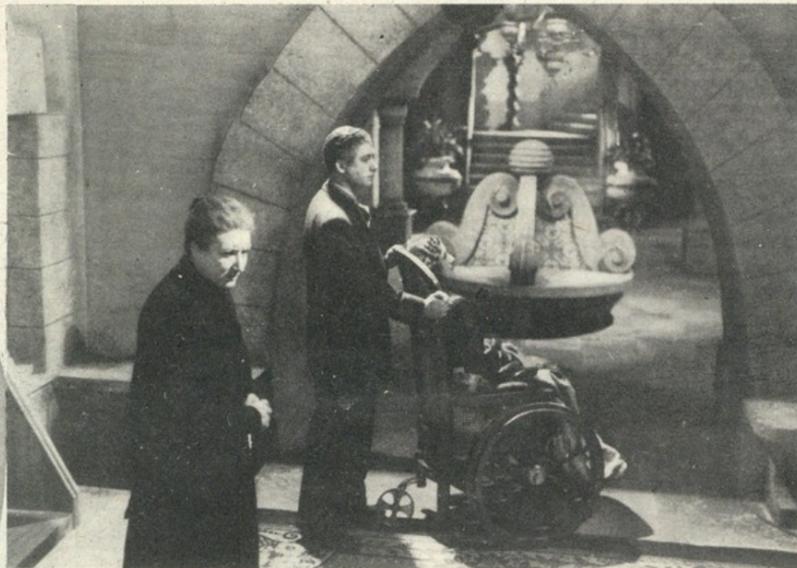


TRÊS DIAS SEM DEUS

Direcção

DE BARBARA VIRGINIA

DISTRIBUIÇÃO DA IBÉRIA FILMES, L.^{DA}



A LÉM dos foros de acontecimento de que gozam as estreias dos filmes portugueses, a apresentação do filme «Três dias sem Deus», no teatro do Ginásio, goza ainda a inédita circunstância da estreia de Bárbara Virginia como primeira realizadora portuguesa, e, cremos, terceira ou quarta da Europa.

A complicada coordenação de todos os sectores técnicos e artísticos que intervêm na factura dum filme é por demais importante para não merecer referências especiais.

Se por um lado se exige a longa experiência e largos conhecimentos da arte cinematográfica para que admitamos o sucesso da obra, não é menos certo que temos de admitir que, como no caso presente, Bárbara Virginia nos dá um filme limpo, dado que ela tem uma noção perfeita do valor das equipas na feitura dum filme.

Aguardemos, pois, a obra, e entretanto acreditemos que uma artista da sua ténpera não aceitou de ânimo leve a responsabilidade da direcção do filme «Três dias sem Deus».

Ainda que se possa supor que a sua idade — 22 anos — a possa ter atalçoado na pesagem das suas responsabilidades, também é justo acreditar no fogo e entusiasmo dos vinte e poucos anos para esta e outras obras de vulto.





Uma cena de «Alta Espionagem»

TRATA-SE dum filme de grande categoria, que o Politeama nos vai apresentar no próximo dia 5. Cenas grandiosas, como a reconstituição do grande incêndio das docas de Londres, na noite do primeiro «raid» aéreo sobre a capital inglesa; a reconstrução da estação de Caminhos de Ferro de Vitória, em Londres, na qual se assiste ao regresso dos B. S. F. de Dunquerque e a um vigoroso combate com os espões inimigos.

Filme onde a aventura, o espectáculo e a acção se conjugam invulgarmente, é, sem dúvida, a melhor produção inglesa de espionagem!

Um rapaz e uma jovem utilizam os manejos da 5.ª coluna na Grã-Bretanha, e isso dá lugar a cenas de grande intensidade e emoção.

E como o realizador Harold French e os intérpretes — Richard Greene, Valerie Hobson, etc. — são de grande categoria, «Alta Espionagem» é um filme que vai obter, entre nós, um grande e indiscutível triunfo!

No mesmo programa exhibe-se «Uma noite em La Mónica», «sketch» de Hal Road, com a famosa artista brasileira Rita Montoya.

ALTA ESPIONAGEM



UMA NOITE EM LA MÓNICA

Um aspecto do engraçadíssimo filme «Uma noite em La Mónica», com a vedeta brasileira Rita Montoya, que será estreado no Politeama no próximo dia 5, juntamente com «Alta Espionagem».



Um momento de emoção do filme



As cenas emotivas sucedem-se nesta bela produção inglesa. A interpretação de «Alta Espionagem» pode considerar-se excelente



A VISITA DA 12.^a ESQUADRA AMERICANA



1) «Miss» Mary Hewitt, filha do almirante-chefe da 12.^a esquadra, rodeada por alguns convidados, na festa dada em sua honra num hotel



de Lisboa. 2) Um aspecto da festa em honra dos oficiais americanos. 3) Um grupo de oficiais da 12.^a esquadra e portugueses, com alguns



gentis senhoras da colônia americana em Lisboa. 4) Aspecto da assistência ao jantar de gala oferecido aos oficiais da esquadra americana



pelo sr. ministro da Marinha, e ao qual assistiu, como representante do sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros, o Sub-secretário da mesma pasta.

NA PRAIA, NO CAMPO, NAS DISCINAS, NA MONTANHA,

oleo antisolares
Marlice
PARIS

CONCESSIONÁRIOS E DISTRIBUIDORES
SOCIEDADE PORTUGUESA DE PERFUMARIA, LDA.
ESCRITÓRIOS E DEPOSITO — RUA RODRIGUES SAMPAIO, 59 — LISBOA — TELEFONE 40880
AGENCIA NO PORTO — RUA ENTREPREDEDES, 16 2.^o



Após a entrega das credenciais do novo ministro da Noruega em Lisboa. O diplomata entre os altos funcionários do protocolo do Estado.



Festejando os 20 anos de publicação do jornal «O Volante», esforço jornalístico que é de assinalar com louvor num meio como o nosso, o seu director, sr. A. de Campos Júnior, ofereceu um almoço em Carcavelos aos seus colaboradores antigos e actuais, de que damos este aspecto gráfico. Entre os convivas, o nosso director, que foi durante 10 anos o chefe de redacção desta publicação.

ropa-América em cerca de catorze minutos.

Os aparelhos deste género têm de ser dirigidos automaticamente, porque as atenções de um piloto seriam muito lentas para os guiar. Bastaria um segundo de indecisão da parte deste, para, numa tal velocidade, se registarem desvios de direcção de centenas de quilómetros.

Será por intermédio de aparelhos de rádio de ondas curtas, ou do radar — maravilhosa invenção dos nossos tempos — que os foguetes postais serão dirigidos. Os americanos estão convictos de que ninguém se admirará de tal; quando os «tufões» nos forem tão familiares como o telefone e o avião, quando as apreensões mais compreensíveis derem lugar à rotina, então muitas pessoas terão vontade de se estrear como passageiros estratosféricos. Meia hora depois de terem tomado o seu lugar no confortável camarote das aeronaves de amanhã, os viajantes chegados de Paris darão em Nova-York os seus primeiros toques de telefone.

A Comissão Nacional de Investigações Aeronáuticas, com sede nos Estados Unidos, sabe que isto não é mais do que uma antecipação longínqua, pois que, nas suas gigantescas instalações para estas experiências, já teve a prova de que os «tufões» podem alcançar velocidades horárias acima de mil e quinhentos quilómetros.

Mas apresenta-se uma dúvida! Será o organismo humano a força para suportar tais velocidades?

Os sábios americanos estão persuadidos disso. Neste mesmo instante, dizem eles, em que nós lemos este artigo, somos arrastados, sem dar por isso, à velocidade de quinze quilómetros por segundo. É a esta velocidade que a terra caminha no espaço em volta do Sol. E parece que não nos damos muito mal com ela, pois não?

Para as pessoas muito apressadas, o foguetão estratosférico será, realmente, o meio ideal de locomoção. Um homem de negócios que queira ganhar tempo, poderá ir de Nova-York a Los Angeles, andando mais depressa que a terra em volta do seu eixo. Esta viagem aumentará-lhe a ainda o dia solar, pois lhe será possi-

vel ganhar três horas de avanço sobre o sol. Deste modo, será fácil fazer a volta ao mundo inteiro em oitenta minutos. E parecia, ainda não há muitos anos, uma utopia a volta ao mundo em oitenta dias, de Júlio Verne!

Em todos os aeródromos do globo se encontrará um foguetão de carreiras regulares na estratosfera. Serviços meteorológicos especiais darão, antes da partida, os avisos do tempo a 150 quilómetros da terra, os boletins das elevadas altitudes, etc.

Mas isto ainda não é tudo! Assim que os «tufões» chegarem a cem ou duzentos quilómetros de altura, poder-se-á, então, pensar nas viagens inter-estelares e efectuar a bordo dum deles a primeira missão de exploração à Lua. Este problema é o que prende hoje, principalmente, a atenção dos sábios.

O aparelho utilizado será uma espécie de enorme submarino voador, propellido pela energia atómica, e cuja construção ficará relativamente inter-estelares e efectuar a bordo dum deles a primeira missão de exploração à Lua. Este problema é o que prende hoje, principalmente, a atenção dos sábios.

Gracias ao radar, os pioneiros da futura ciência poderão voltar à terra e confiar-nos as suas maravilhosas impressões da travessia.

As dificuldades que faltam resolver são simplesmente de ordem técnica. Na teoria, o foguetão está apto a fazer a viagem. Resta apenas afinar os novos métodos de direcção durante o vôo, a utilização da energia atómica como carburante e os processos mais seguros de descolagem e aterragem.

UM BANQUETE DE MILIONÁRIOS

(Continuação da pág. 3)

ofereceu um espantoso jantar a numeroso grupo de convidados. A mesa, cercada de candelabros de prata, cheios de velas e de tiras de diamantes, tinha um aspecto surpreendente. A idosa milionária fez as honras da casa, num mundo elegante

Sai um marçano à rua, de cabelo à escovinha, já sem a cor nas faces do sol da Beira. Entro-lhe-se aquela gente toda. E o rapazioto volta, lá! a momentos, para dizer que o «r. Carlos do talho já fechou». O cliente está espantado. Mas o patrião sossega-o:

— Tenha paciência, meu caro senhor, mandei ali o marçano. O homem do talho costuma ter sempre trocos. Já está fechado. Nós não temos nada. É uma miséria. Não se faz negócio por via dos trocos. Olhe, é só disto que nos aparece. (E mostra ao cliente um maço de trocos de cem, de quinhentos, de conto). Não se faz negócio. Isto dos trocos é um problema — metade da freguesia fica por aviar.

E o cliente abala sem ter comprado nada. Uma coisa, porém, lhe fica a remorder lá dentro:

— Como diacho conseguirá o homem do talho ter trocos — se não há carne?

de banqueiros, diplomatas e artistas. A ementa foi tão magnificente, como raras vezes se terá visto na América.

Todos os grandes jornais enviaram lá os seus mais experimentados repórteres e o opparo banquete foi filmado (positivamente para abrir o apetite à Europa, em racionamento).

Todas as revistas publicaram fotos desse extraordinário banquete — um dos maiores que toda a América tem presenciado.

E agora, leitor, não tenhas pena. Lembra-te que estes banquetes quase sempre provocam indigestões...

GAFANHA

(Continuação da pág. 5)

distantes; surgiu uma população de oficiais de marinha, mecânicos navais, comerciantes, empregados de escritório, operários, marinheiros, pescadores, que cresce constantemente e domina o câmpio primitivo. Por vezes há festas mas não a um santo que concedeu a uma chuva útil ou protegeu o gado:

é um barco, propriedade de gente de Aveiro do Porto ou de Lisboa, que desliza para a água, de mastros embandeirados, ao som de músicas vibrantes e foguetes, seguindo-se copo de água cominhos finos e doces e discursos com patriotismo e elogios e comção. Em vez de leitão assado, perús recheados; em vez da multidão desordenada de lavradores, gente estranha que desce há quinze dias solta convite; em vez do sermão do pregador gordo, suado, lúgubre, a bênção episcopal.

AS NUUVENS E AS ESPERANÇAS

Mas se uma classe de médios capitalistas, grandes proprietários agrícolas, donos de estabelecimentos comerciais, nasceu nas areias da Gafanha, outra casta começou a lançar tentáculos neste solo úbero e sobre esta gente infatigável. Grandes negociantes e capitalistas das cidades começaram a interessar-se na agricultura da Gafanha. Esta poderosa classe detem a pesca do bacalhau, controla a construção naval, absorve o comércio de produtos agrícolas e lança-se agora sobre a exploração do solo. Compram ou alugam quintas para a cultura da chicória e da batata de semente. As estradas já são poucas e fracas para os caminhões do grande negócio dos laticínios e dos produtos negociantes de cereais e batata. E prospera, como sempre, absurdo, filho das misteriosas razões dos grandes lucros, a cultura da chicória — num país que tanto precisa de pão e que possui no ultramar o melhor café do mundo. O pequeno proprietário aluga as terras aos industriais da chicória e passa a viver na ociosidade ou a trabalhar como assariador na nova cultura ou nas estufas ou, ainda, vai trabalhar com o gado nas redes da pesca de arrasto doitoral. Como a chicória tudo paga, esta situação mantém-se mesmo com a deminuição da produção dos géneros agrícolas de primeira necessidade que provoca o encarecimento da vida. Se um dia os capitais empregados na chicória fossem desviados para a industrialização e para o aumento da marinha mercante e esta importasse mais café pago com produtos industriais, os lavradores que alugaram as suas propriedades receberiam empobrecidos pela terrível planta, quase esterilizada.

Ao mesmo tempo que se verifica a solicitude do grande negócio pelos areais da Gafanha, também o Estado traçou um plano de colonização da zona florestal que não se sabe bem ao certo o que é.

Mas, sob este céu azul e esta brisa marinha, nem toda a esperança morre. Talvez se crie a técnica especial que permita multiplicar a produção e talvez se comece a olhar também para o homem da Gafanha e não só para o areia que o trabalho fez terra de pão e de que tanto lucro se tira. Talvez surjam na costa, extenso sólio natural de areia alvíssima e fofa, as estâncias balneares desprezíveis e limpas a que se venham tonificar todas as crianças do interior e todos os trabalhadores que disso precisem. Talvez a pesca de arrasto das praias, que extenua os gados e sacrifica os homens, seja substituída por métodos mais racionais e económicos de abastecer de peixe gafanhões, baírradinos

e serranos. O que não pode continuar (se há coisas que não possam continuar) é o sacrifício de centenas de pessoas que vivem da pesca de arrasto no litoral — condenados à miséria que degrada, à promiscuidade aviltante e à embriaguez embuteceadora.

Entretanto, debaixo desta céu azul como o oceano que lhe canta todas as noites canções de embalar ou de estarrecer, na planura imensa cortada pela massa verde-escura dos pinheiros, à beira dos canais de água salgada que reflectem as aves, as nuvens e os barcos, o gafanhão de raiz continua como sempre, riço e espontâneo, olhando não a beleza da infinidade de um céu indiferente mas a extensão verdejante dos milheirais opulentos e das águas piscosas. E daquela planície toda vem uma comúção com o génio telúrico que a anima e o anima, porque aqui, homem, areia e água fundiram-se e avançaram juntos.

SIHÁHÁ

(Continuação da pág. 11)

Confidencialmente o digo: nunca me apaixonei por uma branca; fiquei, porém, louco com esta negra. A escrava percebera-o, e de vez em quando lançava-me miradas ternas e furtivas. Resolvi tentar tudo. Pus em actividade o quimbar, ofereci-lhe instant, supliquei, e, por fim, lá conseguiu trazer a bela negra comigo, comprando-a, mas deixando de posse do século, como preço, toda a borracha que ele me tinha vendido.

Vivi dois anos com essa minha mulher negra, que me foi fiel e a quem procurei ser fiel, com essa bela Siháhá, cuja fala era um cântico, cujos olhos eram de luz, cujos dentes eram de alvíssimo marfim, que me cuidava com amor que me olhava com enlevo, asseada como a água da fonte, de beijos doces como o mel.

Deu-me um filho, quase da cor da mãe, lindo como ela, mas de cabelo mais liso. Adorava o pequeno, à espera que crescesse, que se fizesse homem e que um dia me ajudasse nas minhas viagens ao longe.

* * *

Surgiu, porém, um dia nublado, plumbeo, com um vento que parecia saído das forjas do inferno. A atmosfera era eléctrica, dessas que deixam o corpo mole, desorçado, e o espírito em depressão melancólica. Rugiram trovões, zigzaguearam fúrias e uma chuva diluviana desabou sobre a terra, cheia para lá acabar o mundo.

O mundo não acabou nesse dia, mas acabou o meu lar africano. Siháhá desapareceu com o filho. Fôra à fonte, na mata, com o múdo às costas buscar água. Cafu a noite e não voltou. Desolado, pus-me em busca dela, percorrendo todos os caminhos, dias e dias, meses até, no rasto das comitivas, sem efeito nenhum.

Desaparecera para sempre. Disse-ram-me, mais tarde, que essa escrava era filha dum rei negro, e que fôra capturada nas guerras das tribos e vendida. E que o pai, refêto mais tarde da derrota, mandara emissários em busca dela, que ao fim de alguns anos, a encontraram e arrebataram dos meus braços.

Quando soube isto, perdida de toda a esperança, abandonei a África onde deixara o meu primeiro amor e o meu primeiro filho.



Fize Bem!

A Magnésia SANTA MARIA, o moderno regulador da função intestinal, de suaves efeitos laxativos, só se vende na sua embalagem original com a caravela. Evitará a prisão de ventre, as digestões difíceis e outros sintomas de intoxicação intestinal se exigir sempre a autêntica

Magnésia
SANTA MARIA



APRENDA RÁDIO
POR CORRESPONDÊNCIA, PEÇA FOLHETOS GRÁTIS



ACADEMIA NACIONAL DE RÁDIO
A. D. MANUEL LARANJEIRA, 12 - PORTO

Pirino Gamba

UM MAESTRO DE DEZ ANOS



UM petiz de 10 anos entregou a sua «trottinete» ao porteiro da Ópera de Roma e dirigiu-se para o estrado da orquestra, onde o esperavam 80 músicos, para executarem o *Tannhäuser* sob a sua direcção. A Itália, que possuía em Arturo Toscanini o maestro mais velho e irascível do mundo, acaba de descobrir Pirino Gamba, o mais jovem maestro. É a revelação da temporada. Pianista de grande talento, acaba de se estrear como chefe de orquestra. Londres e Nova-York oferecem-lhe contratos fabulosos. Mas Pirino Gamba recusou-os. «Tenho muito que estudar ainda, antes de partir para o estrangeiro». Não obstante, no próximo ano tenciona dar uma volta pelo mundo, começando por Paris...



Pirino Gamba dirigindo a orquestra da Ópera de Roma

5 COMENTÁRIOS POR SEMANA

Por MANUEL PEDRO

1

Os quartéis gerais instalados nos cafés de Lisboa, onde, durante os sete anos de guerra, se desencadearam as mais vivas ofensivas... de linguas, estão agora falhos de interesse. Os estrategas, os mentores desse fortíssimo exército boateiro, ou foram para as Mercês, a férias, ou andam mostrando o esqueleto de tísicos pelas praias chiques dos Estoril. Raquíticos, enfadados, picados de mercúrio, pequeninos mas gritantes, foram eles, só eles, que, riscando os tampos das mesas, marcaram as marchas vitoriosas dos grandes exércitos. Cientistas, estudiosos profundos dos comentários dos jornais, profetas de colarinho de goma, enfiados, envernizados, dançarinos e malabaristas na desgraça alheia, vazios e ócios, sem estrutura por dentro, nem estrutura por fora, esses estrategas, agora que a guerra, cansada, anda, como sonâmbula, a sonhar com novos combates, mereciam ser condenados. Pelo menos a opinião pública deve-lhes inestimáveis serviços. É certo que de actividades militares muitos só conhecem a taxa simples, anual, paga em qualquer agência, para evitar magadas. Outros nunca passaram de correcionais, com facinhas na cozinha. Mas, rapidamente, numa escesnosa vertiginosa, no quartel general do café, entre o bagoço e a «bica» a ferver, ganharam os galbes à força de murros e de berros. Chamaram, muitas vezes, estúpidos aos generais — acusaram, de dedo espetado e com voz cavernosa, velhos almirantes e chefes de esquadras. Fizeram rotas, eles, coitados, que enjoam com o mar picado mal chegam ao Porto Brandão.

Agora, feito o armistício, desiludidos, voltarão, depois das férias, a falar em qualquer coisa. Talvez — quem sabe — andem pelo varejo preocupados, discutindo, gritando pelos «esses» do pedal. No fundo, estes estrategas, labiosos e tolos, querem, unicamente criar auditório. Desde que o consigam, pronto, o caso fica arrumado. Tanto faz que seja a conferência do sr. Churchill ou o João Rebelo a cortar a meta em Alhos Vedros.

2

Os anúncios dos jornais têm, por vezes, disfarçado em laconismo, um assomo de tragédia. Todos os pequenos dramas cotidianos ali vêm, gritantes, pagos a tanto a linha, com a resposta ao número tal. São velhos pianos que se vendem, quantas vezes para acudir a uma doença ou para pagar a conta atrasada da modista. Casacas de «dandis» pobres, arruinados da batota ou deshonrados pelo desfalque, oferecidas ao desbarato, cheirosas a naftalina; antigas recordações de família, sem valimento, vão parar, depois, pelos anúncios, às mãos da agiotagem, verdadeiros exploradores da miséria, cãfila de canalhas, colectados para expollar os pobres com as garras da avarizia. Numa página de anúncios, disse-o Albino Forjaz de Sampaio, há um mundo repleto de dores e sofrimentos. Joias vendidas, joias caras, ostentosas, rebrilhantes, sedutoramente mundanas, enfeitando os olhos em reverberos de mil cores, passam, rapidamente, dos dedos para os escaninhos dos peñhoristas. As vezes foi a desgraça, surrateira, que bateu à porta. Acabam-se os amigos — escondem-se, por todos os lados, aqueles que deviam vir, de braços abertos, ao encontro da fatalidade, encorajado com duas boas palavras. O homem vê-se, então, só. Tudo parece ruir em volta. Para pagar, senhorio vende um móvel, para manter a família desfaz o lar.

3

O anúncio é o seu grito anónimo, grito de revolta, de dor, que não quer testemunhas. Em Lisboa vive-se sempre em conta corrente. O comércio reforma as letras — os particulares pagam juros ao Monte-Pio. No fundo tudo isto é a eterna força de sempre: a aparência. De calças rotas e sapatos cambados todos nos acotovelam — e talvez mesmo se riam. Shaw, o tronista velho, com as suas barbas de noventa anos, se viesse a Lisboa e se sentasse nas escadinhas de Santa Justa, as senhoras chiques do Chiado, que só dão esmolas diante de toda a gente, decerto lhe deixariam cair nas mãos dois tostões de fingida piedade...

Toda a gente acha cómodo falar nos passeios, impedindo o trânsito. Já não é apenas o hábito de falar seja onde for, não; agora que Lisboa é pequena para a população, sobretudo nas artérias apertadas da Baixa, tal vício representa um desrespeito por quem tem pressa, que as posturas policiais há muito deviam punir. Se, de facto, se paga por cuspir no chão, ainda mais se deveria pagar por conversar nos passeios. É uma falta de consideração, de respeito pela vida de cada um. Há gente que vive unicamente de não fazer nada. No dia em que trabalharem, reberitem. São, na verdade, animais de luxo, que deveriam usar uma coleira para a gente os conhecer. Levantam-se da cama quando os outros vão almoçar, e deitam-se quando as fábricas apitam para o trabalho. As cinco horas, envernizados, chiques, põem-se de plantão a ver quem passa. E não há forma de os arredar. Pelo contrário, os que têm pressa, esses coitados, que saltem fora dos passeios, que mesmo que fiquem esmagados por qualquer carro, suas excelências não interromperão o passeio. E preciso, pois, obrigar essa gente a deixar livre os passeios, ou então arranjar umas zonas, pagas à hora, como o bilhar, para os conversadores das ruas da Baixa.

4

Depois das rainhas, das princesas do fado, apareceu agora, em grandes parangonas, a santa. Isto não lembra a ninguém! Uma santa cantadeira, de challe de ramagens, na peanha dum café fadista, com duas tochas de cada lado; a guitarra e a viola. O desajuro desta publicidade, que a censura devia reprimir, é medonha. O retrato onde se canta a dolente canção para receber a Santa, passou a ser, por conseguinte, a catedral. Vejam isto, senhores. Por este andar teremos, em breve, S. Marceireiro em ré menor. Está certo que se cante o fado, até porque ele é engraçado como homicídio gramatical. Agora desatar, por aí, a inventar tronos e peanhas para as cantadeiras, é que não tem graça nenhuma.

A Severa, se fosse viva, havia de tapar os ouvidos e gritar, como nos comícios: Onde está o fado?

Ninguém lhe saberia responder. Bem diz a cantiga: «ó fado que foste fado, ó fado que já não és...».

5

Há dias, subindo o Chiado, dois rapazes bem postas, engravataados, com um ar de fadiao no rosto, suspiravam, num desabafo, que os domingos eram muito estúpidos. Não havia, para eles, sítio onde se pudessem meter, a distrair os olhos ou numa conversa de espírito a delectar a alma. Seriam, talvez, dois rapazes de bom senso, modernos, com as suas preocupações literárias, inclinados aos problemas sociais, enfim, ledores, inteligentes, que têm um caminho marcado dentro da cultura que todo o homem deve fazer.

Disseram mais qualquer coisa. Falaram, trocaram impressões e, por fim, como se tivessem desroberto a chave para abrir a porta daqueles estúpidos domingos, remataram:

— Ainda bem que vai começar o futebol. Já temos onde passar os domingos!

É sempre assim. Realmente, sem os campos da bola, Lisboa é uma cidade onde não há nada.

Perguntem a esses rapazes se sabem onde ficam os museus, as salas de exposições, a actividade cultural de Lisboa, enfim? Isso. Se lhe falam em Picasso, julgam que é o novo «keepers» do Benfica...



A mãe de Gamba cuida da «toilette» do seu filho



Pirino gosta muito de andar de «trottinete»

OSCILAÇÃO PERIGOSA

COM as discussões iniciais que aqui temos procurado desfiar, a Conferência do Luxemburgo entrou nos trabalhos de exame dos tratados, seu único e principal objectivo. Como num levantar de rédeas, as questões que durante meses provocaram dissídios entre os Três Grandes, estão a reascender à superfície em vastas ofensivas e contra-ofensivas diplomáticas que vão por Trieste e pelos Estreitos ao Mediterrâneo.

Depois de uma circunvalação inútil de disputas entre os Três Grandes, que percorre todo o longo tempo mediando entre as Conferências de S. Francisco e do Luxemburgo, a agulha do sismógrafo internacional volta a agitar-se alarmantemente.

OS ACUSADOS

Successivamente passaram ante a Conferência os países ex-inimigos que auxiliaram a Alemanha e se subordinaram a esta. Mas o caso central da paz, o caso alemão, está por resolver. É a inversão completa das situações, que o mundo inteiro não compreende, a origem de uma demora enervante que as suas crises não suportam.

De Gásperi, o presidente italiano, passou no dia 10, cercado de um mau ambiente, sob as forças caudinas da Conferência, a ler o seu discurso, cujos pontos básicos foram: — a quebra da unidade nacional com o regime de Trieste, e a precariedade da internacionalização por um ano, que desgosta italianos e jugoslávicos; a insolução da

questão da Venezuela Júlia; o direito de reivindicações contra a Alemanha; a dureza das reparações económicas reclamadas pelos vencedores; a humilhação das cláusulas militares; o mandato italiano sobre as antigas colónias do norte de África.

Três dias antes, ao partir de Roma, De Gásperi declarou à imprensa: «A minha situação na Conferência parece ser 80 por cento de prisioneiro de guerra, numa guerra na qual não intervim e que o povo italiano não desejava, e 20 por cento de co-beligerante».

O chefe do actual governo italiano não podia, pois, ter ilusões. Só contava com as já expressas manifestações de simpatia do Brasil e uma vaga deferência norte-americana, e com os efeitos eventuais das divergências entre os países ante os quais a Itália ia comparecer.

Molotov saiu-lhe ao encontro, duro numa reprimenda, por a delegação transalpina se preocupar com reivindicações territoriais e não com as cláusulas económicas do tratado, colocando a economia italiana à mercê de «reclamações excessivas do capital estrangeiro». O russo, por habilidade, mostrava assim não estar esquecido da oposição que lhe fôra feita pelos Estados-Unidos na questão das reparações, baseada em que estes não se dispunham, e com razão, a que a Rússia viesse cobrar da Itália o produto dos auxílios financeiros e materiais que eles lhe dão para que ela se recomponha economicamente. E atrás de Molotov surgiu a Etiópia, cuja presença recordava neces-

sariamente o pacto Samuel Hoare-Laval com Mussolini, dando a este ignóbilmente a partilha da Abissínia e o reconhecimento de Vitor Manuel como imperador, no trono expoliado do Négus. E em seguida a Grécia com todo o activo da sua heroica e vitoriosa defesa contra o invasor e o seu pavoroso martírio. É claro que a Itália também pode lembrar a Molotov que, muito antes do pacto germano-soviético, já, em 1923, o antecessor dele, Titcherine, andara de braço dado com o «Duce», que cultivou desde então as melhores relações com Moscovo. Isto não obstará a que a pertinácia do chefe da delegação russa desistisse de acusar a Itália e o seu governo de hoje de fascistas, mas poderia evitar um certo número de pretensas isenções com que certas potências colocam a Itália no banco dos réus depois de os exércitos aliados receberem o melhor e mais decisivo auxílio do seu povo, insurreccionado contra aquele mesmo Mussolini a quem Winston Churchill chamava «um homem maravilhosos», opondo, tal como hoje, o fascismo ao bolchevismo, em nome de uma não-intervenção que, além de não estar na doutrina do direito internacional da Europa, iria arregar de sangue e encher de ruínas a Espanha.

São estes contrasensos e contravoltos que desautorizam em noventa por cento, perante a memória ainda viva dos povos, um sistema de construção da paz internacional, alterçado não nos grandes ideais humanos e sempre logicamente inalteráveis da liberdade e da justiça, mas nos acordos e compromissos de interesses e hegemónicas ambições de Estados que jamais os respeitaram.

O desfile da Roménia, da Hungria, da Bulgária e da Finlândia na tribuna da sala do Palácio do Luxemburgo — a Bulgária a reclamar a co-beligerância contra a Alemanha... e contra a Grécia! — foi, talvez contra a última daquelas nações (também abandonada aquando da primeira invasão russa desencadeada sob as boas vistas da mesma Alemanha que Londres e Washington tentam reerguer) — foi, dizíamos, profundamente deplorável. Molotov acusando a Itália e defendendo a Bulgária e a Roménia, simbolizou a tristeza da época de desenganos em que o mundo vive.

Byrnes e Alexander acudiram a responder ao ataque de Molotov, cobrindo o primeiro a Itália e o segundo a Grécia, e ambos reclamando o restabelecimento dos interesses dos Aliados (ela-se da Grã-Bretanha e dos Estados-Unidos) de antes da guerra nos territórios dos países que foram durante a guerra «aliados da Alemanha». Era o mesmo duelo.

REVELAÇÃO DUMA CONTAGEM

A 16 de Agosto, três semanas depois de inaugurada a Conferência do Luxemburgo, começavam as sessões das oito comissões encarregadas de examinar os projectos de tratados elaborados pelos Três Grandes. Vinte e seis pontos, segundo os descreminhou o Secretário de Estado norte-americano, estão ainda sem conserto nesses documentos. Sobre eles as divergências dos Três Grandes arrastarão provavelmente a novos debates. Daqui, logo de começo, haver-se reaccendo a questão das votações. Na comissão onde se analisará o tratado com a Finlândia, Vichinsky, o representante soviético, declarou não ter qualquer objecção a fazer a que os Estados Unidos e a França discutam os tratados, mas é de opinião que não devem ser autorizados a votar.

Porquê? É que incluindo a França, há doze nações membros das comissões romena e finlandesa, com quatro votos seguros para a Rússia. Ora se a França voltar, o bloco russo não conseguirá afastar nem mesmo o voto de dois terços das recomendações, mas, uma vez a França privada de voto, os votos do bloco russo serão bastantes para evitar que os outros sete perfaçam uma votação de dois terços para a aprovação das recomendações. Por sua vez, nas outras comissões balcánicas a proporção dos componentes do bloco soviético é suficientemente alta para incluir a derrota de dois terços para a Rússia em qualquer votação.

Eis como a famosa questão que o dr. Ewart, o ardente defensor dos direitos das «pequenas nações», pusera na esfera dos princípios, torna a descer à prosaica contagem pelos dedos. Basta notar-se essa prevalência russa nas comissões balcánicas e recordar que a regra dos dois terços foi aprovada por unanimidade pelo Conselho dos quatro ministros dos Negócios Estrangeiros, para se discernir como do seio do Conselho já saiu a repartição das zonas dos totais interesses.

Para quê, então, foram os grandes debates?

Deles resultou apenas uma manobra de conversão: tendo a Grã-Bretanha e os Estados-Unidos vindo alinhar com a oposição aos Três Grandes para procurar estabelecer na proporção de quinze votos contra sete a aparência pública de uma frente anti-russa argamassada no famoso bloco ocidental, em vez de — como sucedeu aritmeticamente na primeira e na segunda votação — somarem os votos dos seus grupos ao do grupo eslavo para cortarem vóos às reclamações oposicionistas, por exemplo na questão da presidência.

Os últimos passes de armas, que acima descrevemos e que, pretextados no tratamento a dar à Itália e à Jugoslávia, prolongaram as primeiras sessões das sub-comissões, foram já um rescaldo dos anteriores.

Gastaram-se, e ainda se gastam, toneladas de tinta a pintar e colorir em contrastes fortes uma «ofensiva geral contra a União Soviética». E a guiar-nos pelas aparências das palavras de entono e pelo sacudimento das gesticulações, essa «ofensiva» poderia impressionar.

No fundo, porém, e por enquanto, o quadro da equação não se alterou nos seus termos. Praticamente, o que era preciso modificar, ou seja o sistema internacional que entregou toda a ONU à vontade dos Três Grandes, ficou e está ainda intacto. As votações do plenário e da Comissão não lograram impor-lhes a decisão da assembleia, nem nos votos de dois terços nem nos de maioria simples. Diante de uns e outros, os Três Grandes ficam livres de conceder a sua concordância ou de rejeitar. Byrnes não foi mais além da linha de promessas. E no caso de rejeição, se a assembleia mantiver os seus votos, as questões tornarão ao princípio do princípio, às discussões intermináveis em torno dos arranjos e dos compromissos.

Os povos — para empregarmos uma imagem feliz de Clemenceau ao fim de uma sessão do Conselho que preparou o Tratado de Versalhes — viram como num caleidoscópio de feira, uma série vibrante de problemas, países, panoramas, e não saíram do mesmo sítio. É de ver que as discussões, ou melhor, os discursos no plenário, serviram somente de espectáculo de posições, de revelação pública de factos que, com maior ou menos transparência, já se afirmara nas sessões do Conselho dos Ministros dos Negócios Estrangeiros. Isto é, o de tanto os Estados Unidos como a Grã-Bretanha quererem arrancar à Rússia na paz o que durante a guerra houveram de lhe conceder, e o de a Rússia se defender de que lho possam arrancar, ao menos sem compensações de valor.

Esse intento só poderia ser conseguido pela força — objectivo da Sinarquia plutocrática internacional que desde 1917 vem criando dentro da Europa e dos Estados ambientes políticos de violência estatista (o livro recente de Geoffroy de Chesnay documenta esmagadoramente a existência desta tenebrosa conspiração) — ou por meio de negociações em que a moeda de trocos é económica e não política. Sobre as peças do mesmo tabuleau de chasse os caçadores costumam acabar quase sempre por entender-se. Mas poderemos ter ainda essa esperança?

É sem dúvida vasto o caminho percorrido desde que a 11 de Agosto de 1941 apareceu proclamada a bordo do cruzador *Augusta* a Carta do Atlântico, cujo quinto aniversário há pouco se registou. A União das Nações Unidas é um facto. Os seus diferentes órgãos funcionam.

Mas a partir da Conferência de S. Francisco tudo se modificou. O *Daily Mail*, o órgão do partido conservador inglês, que continua absurdamente a

reger a política externa britânica, não duvidava em afirmar, a 21 de Julho passado, que «o acordo de Potsdam nula». E isto marca uma altura culminante, porque faz abalar todo o edifício da ONU e deixa a construção da paz inteiramente no ar e a Conferência do Luxemburgo em crise.

talvez se explique nestes factos a notícia de que o marechal Smuts, o grande alcião das grandes tempestades, acaba de chegar à capital francesa — onde Ernesto Bevin, *surmené*, continua presente mas sem aparecer nas sessões nem intervir nos debates, porventura como os contra-regras nos bastidores durante as representações.

A OFENSIVA RUSSA

É este o momento escolhido por Moscovo para lançar na mesa a questão dos Dardanelos. A escolha da oportunidade é compreensível: A Inglaterra tem encravadas as negociações do tratado com o Egipto na sua intransigência de abrir mão da soberania do Sudão; vê ainda insolúvel o problema temeroso da Índia; está a braços com o da Palestina, entre os fogos dobrados das reclamações dos judeus e da hostilidade internacional dos Estados Unidos; entra em conflito com a Pérsia. Doutra parte, no jogo da Conferência do Luxemburgo, sou a hora das transacções.

Depois de no seu discurso de crítica à Itália, Molotov pôr com nitidez a questão da Istria, isto é, dos dois grandes portos — Fiume e Trieste com o porto naval de Pola — que a Rússia reclama através da Jugoslávia sob a guarda do seu obediente marechal Tito (o *mon cher Tito*, de Winston Churchill), Moscovo apresentava, no mesmo dia e à mesma hora, a questão dos Estreitos.

É a grande ofensiva russa no Mediterrâneo, cujos pontos estratégicos pretende ocupar expulsando deles a Inglaterra.

De longe ela fôra anunciada. A oposição da Polónia na comissão de exame das candidaturas à ONU, no Conselho de Segurança, à entrada da Transjordânia, o reino recentemente criado para defesa do Canal de Suez para o número das Nações Unidas é um prolongamento desta ofensiva.

São os grandes choques a aproximar-se, carregando o ambiente internacional e alarmando o de Paris. Já numa das últimas crónicas assinalámos o rumor de uma guerra preventiva atómica contra a Rússia. A princípio julgou-se ser desabafo norte-americano. Agora o mesmo rumor, com o prazo de seis meses, é mais sério e insistente.

Os preparos, já tornados públicos, de manobras comuns das esquadras americana e inglesa para Outubro, avolumaram-se. Vozes norte-americanas declaram: «Queremos acabar com isto, fazendo recolher a Rússia para os seus confins, enquanto temos superioridade. Ou seremos submersos por ela». E, verdade ou pura ameaça, para o efeito de secundar a acção anglo-saxónica na Conferência, esgotando os cartuchos das transacções, a atmosfera vai-se condensando.

A Rússia tem duas saídas para o Mediterrâneo: — o corredor da Roménia-Jugoslávia (e eis porque esta aparece como encarnação mediterrânea da Soviética Moscovita e sua vassala sob o domínio de Tito), e a dos Dardanelos. As exigências russas sobre a Líbia e a Eritreia são o complemento da mesma investida e do mesmo jogo. A criação de um Estado independente em Trieste, sobre a Istria — infeliz proposta francesa que o confundiu com a criação económica de um porto livre em Trieste, a qual, uma vez aprovada, abriria caminho a secundarizar a França como potência marítima no Mediterrâneo! — é uma solução que cobre as ambições russas de acesso ao antigo grande mar latino.

Por qualquer lado que se encare esta ofensiva, ela oferece margens para receios de novas fatalidades.

Basta apenas saber se nos lugares onde se assentaram Clémenceau, Nitti, Orlando, Lloyd George, Wilson, um problema de tal magnitude poderá ser enfrentado e resolvido — salvando a paz — por intermédios ou técnicos médios e simples burocratas.

Nunca a responsabilidade de ministros como Bidault, Bevin e Byrnes foi mais pesada. E se são as ocasiões que provam os homens, esta prova, depois de tantos erros, é decisiva.

OS ESTREITOS

No dia 11, um telegrama de Istambul anunciava que a Rússia pedira a revisão da Convenção de Montreux de 1938 que regula os direitos de passagem pelos Estreitos dos Dardanelos e que a Conferência dos representantes das potências signatárias dessa convenção e ainda o Governo dos Estados-Unidos deve reunir-se em breve. As potências signatárias da Convenção, são a Grã-Bretanha, a Rússia, a França, a Grécia, a Bulgária, a Roménia e a Turquia.

Londres, no dia seguinte, apoiava em tese o pedido soviético. Bevin no seu discurso proferido nos primeiros dias de Junho aos Comuns no importante debate sobre a política externa e em resposta às recentes declarações de Byrnes e Molotov, disse que o governo britânico estava disposto a encerrar a revisão dos tratados de Montreux, sem que prejudicasse a independência da Turquia. E deve esclarecer-se que, embora o Kremlin se reservasse a oportunidade de apresentar a questão, já o seu pedido foi formulado na Conferência de Potsdam, tendo-lhe sido dada adesão pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos, sob aquela mesma cláusula. O Foreign Office esclarecia logo que a Inglaterra apoiaria a proposta dos Estados Unidos, no sentido de que em todos os tempos deve ser aberto à navegação comercial o Estreito dos Dardanelos e aos navios de guerra o mar Negro.

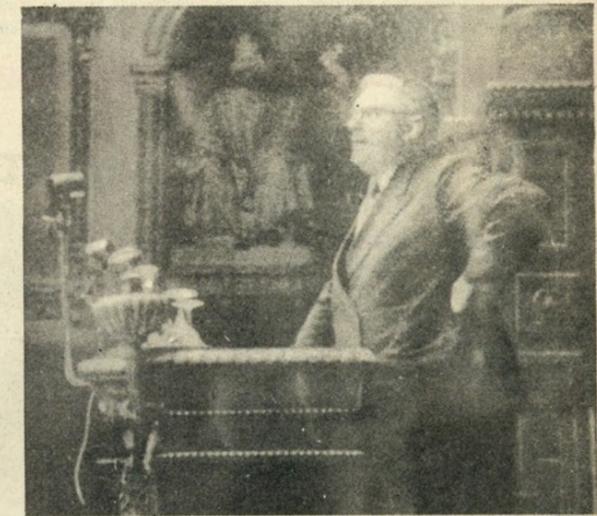
«E acrescentava: «É sabido, entretanto, que a Inglaterra se opõe a qualquer sugestões, que privem a Turquia dos direitos de soberania sobre os Dardanelos. Pensa-se, por isso, que todas as tentativas para ligar a revisão da Convenção de Montreux com reclamações territoriais à Turquia, incluindo a aquisição de bases no Estreito dos Dardanelos, conduziriam a consideráveis dificuldades entre as duas potências».

Das cláusulas russas aquela que parece provocar maior tomo de discussão é a em que Moscovo intenta uma espécie de condomínio de fiscalização dos Estreitos com a Turquia, cláusula muito além de outra, segundo a qual as potências ribeirinhas do Mar Negro, hoje no grupo eslavo, caberia o privilégio, ao menos precípuo, do Bósforo.

Mas os Estados-Unidos apresentam, com relativo apoio britânico, uma fórmula geral que se fundamenta no princípio da liberdade da navegação marítima, igual à preconizada para o Danúbio, e que inspirou Bevin no seu discurso atrás citado e a declarar que o Reino Unido veria com agrado a marinha mercante russa no Mediterrâneo. Entretanto, o golpe de surpresa não é a oposição entre estas duas teses, senão a exclusão da França reclamada por Moscovo, invocando para tal absurdo (e eis o fruto do brutal ultimato de Churchill a Paris para que a França abandonasse as suas gloriosas seculares posições civilizadoras na Síria e no Líbano) um acordo secreto obtido por Estaline de Truman e Atlee em Potsdam, em que os Três Grandes teriam decidido tratar da questão dos Estreitos directamente com a Turquia. Os ingleses quebraram o segredo, por indiscrições da imprensa. A França protestou, e os Estados Unidos reconheceram justiça ao seu protesto. O russo, porém, guardou a carta no bolso e lançou-a agora para a mesa, como nova pedra de escândalo, a revelar aquilo a que, ao tempo, alguns comentadores denominaram a «conspiração de Potsdam» e que renova o conflito histórico russo-turco, do qual a Europa já por três vezes, depois da guerra da Crimeia no tratado de Paris, depois da guerra de 1877 nos tratados de San Stefano e de Berlim, e depois da primeira guerra mundial, e de 1918 no tratado de Lausanne e na Convenção de Montreux, salvou, reforçando a Inglaterra no Médio Oriente, a pátria de Mustafá Kemal.



O belga Spaak, que preside à Conferência da Paz reunida em Paris, chegando, logo de manhã, ao Palácio do Luxemburgo



O dr. Herbert Ewart, o fogaoso chefe da delegação australiana a magna reunião de Paris, pronunciando um dos seus discursos em defesa dos direitos dos pequenos países



Pela primeira vez na história parlamentar francesa, uma senhora preside a uma sessão do Palácio Bourbon. Madame Madeleine Braun, no «fauteuil» presidencial, segue atentamente o discurso de um deputado.

Revolution!...

RASOSAN É UMA AUTÉNTICA REVOLUÇÃO EM TODOS OS PROCESSOS DE FAZER A BARBA. O HOMEM DE HOJE NÃO DEVE IGNORÁ-LO.

FIXE!

RASOSAN

GARANTE BARBA FEITA E CARA SA

ARCO

PALAVRAS A MAIS



Por FERNANDO FRAOOSO

ESTREARAM-SE, recentemente, três documentários portugueses, de incontestável merecimento, não só pelo interesse dos assuntos como ainda pelo seu valor cinematográfico. Progredimos na fotografia, no critério da realização, na gravação do som, mas todos eles acusam, dum modo geral, um «estilo» no comentário, que vai criando raízes — e que é, pura e simplesmente, a negação do que deve ser o comentário cinematográfico.

Em primeiro lugar, quem analisar os referidos filmes ficará convencido de que o elemento primordial do espectáculo é aquilo que se ouve — e não aquilo que se vê. As imagens servem apenas a palavra, à maneira de ilustração — porque o filme nos impinge um discurso, no estilo tão português

a que poderíamos chamar «de sessão solene». Parece haver por parte dos comentadores dos documentários o desejo de nos deslumbrar com imagens literárias, laboriosamente encontradas. Com efeito, para exaltar soldados que desfilam parece-nos absolutamente inútil dizer que vieram de aldeias alcançadas nas serras, das bem apetrechadas oficinas da cidade ou do mar, onde, arriscando a vida, procuram conquistar, em luta com o oceano, o magro salário de cada dia. As desvantagens são múltiplas. Pois, por maior que seja a velocidade que o locutor imprima ao discurso, não consegue «meter tudo» dentro das imagens a que as palavras se referem — e acabamos por ver outras personagens ou outras cenas enquanto ouvimos o comentador esfalfado, terminar a «tirada», que respeita às imagens precedentes.

Num documentário religioso vemos, com a evidência gritante de um primeiro plano, uma criança dirigir-se ao ardeal Masella e entregar-lhe um ramo de flores. Como se estivesse atacado de loquacidade furiosa, o comentador acrescenta: «Uma criança entrega

um ramo de flores ao representante de Sua Santidade». Palavras desnecessárias, pois a imagem já nos tinha dito tudo. Outro tanto não aconteceria, se fosse necessário informar, por exemplo, que essas flores haviam sido enviadas de um lugar distante, ou que a criança fizera, a pé, a caminhada, para prestar tão singela e tocante homenagem.

Estamos, pois, em pleno delírio de verbosidade. Quem ouvir, a distância, um locutor dos nossos comentários poderá supor que se encontra numa praça pública, onde aqueles agentes publicitários que já não se apresentam com o tradicional macaco fardado, e que falam ao povo, através duma instalação sonora, procuram à força de palavreado, despejado às catadupas, convencer os transeuntes a adquirir uma droga que tira os calos e cura as dores de dentes, e que serve ao mesmo tempo para engraxar os sapatos e limpar nódoas...

Não! O comentário para o cinema é a antítese do que temos ouvido. Deverá ser o indispensável. Sóbrio, claro e conciso. Os malabarismos literários, as imagens preciosas, os caprichos do

estilo — não cabem no cinema. Na tela é a imagem que domina. A palavra deverá ser, quando muito, o elemento auxiliar para esclarecer, comentar ou completar a imagem a que diz respeito. Deverá actuar como o sublinhado ou o itálico. E raras vezes, como «Nota do Tradutor» ou «chamada», ao esclarecimento que figura no «épé» da página.

O «estilo cinematográfico» não é apenas uma imagem literária. Existe. Obedece, de certo modo, à concisão, simplicidade, à clareza que o cinema exige, cada vez mais. Não compreendemos por isso o abuso a que vimos assistindo, os discursos recheados e indigestos que o pobre locutor é forçado a reproduzir, numa correria louca entre a palavra e a imagem. E, ao vermos malbaratar um elemento que deve ser usado com conta, peso e medida, não podemos deixar de pensar no razão que assiste àquele produtor de Hollywood, que declarou um dia: «Os que escrevem para o cinema deveriam fazerem como se estivessem redigindo telegramas pagos pelo seu bolso...».

QUANDO ELAS

VÃO À

PESCA...



Segundo parece, em Hollywood as vedetas de cinema também podiam cantar:

Gosto, gosto, gosto,
Gosto muito de pescar.
Quem quiser saber de mim
Vá procurar-me no mar...

De facto, a pesca à linha tornou-se num dos desportos favoritos das estrelas. E, assim, Gloria Grahame, Cyd Charisse e Ava Gardner foram, noutro dia, tentar a sorte com os peixes. Se não foi afortunada a pescaria — e as notícias sobre o assunto nada nos dizem — certo é que o fotógrafo não perdeu o tempo e trouxe preciosos instantâneos onde se vêem as pescadoras no seu afix.

Assim, a primeira regra da arte de apanhar o peixe é esta: «nada de conversas». E Gloria Grahame faz um «schlu» severo a Cyd Charisse, como se vê na primeira foto. Cyd olha a loira companheira com um ar entre surpreendido e amedrontado.

A segunda imagem — é reveladora. O peixe picou... Gloria perdeu a cabeça!... «Até que enfim!...». Mas a pesca requer serenidade. O robalo ficou no mar e o anzol foi cravar-se no reduzidíssimo traço de banho de Cyd. Precações, sempre sucedem... Mas este revela pouco profissionalismo...

E, finalmente, a terceira foto: Ava Gardner enrola a linha calmamente. O peixe vem a reboque. A vedeta ri com o seu triunfo... E pensa com os seus botões (os botões aqui constituem pura imagem literária, pois, como sabem, os fatos de banho de hoje não têm sequer espaço para um botão), e Ava Gardner pensa: «Então eu conseguí pescar o Mickey Rooney — e havia de falhar numa tarefa mais fácil?...»





Da esquerda para a direita: Tino Rossi (com a camisa dos pescadores da Nazaré), Lília Vetti, Erico Braga, o sr. dr. Augusto de Castro e o director Cayatte, realizador de «Le Chanteur Inconnu».

O MINISTRO DE PORTUGAL EM FRANÇA

visitou o «PLATEAU» onde se filma

«LE CHANTEUR INCONNU»

COMO temos informado, Tino Rossi está interpretando, nos estúdios de Joinville, «Le Chanteur Inconnu», cuja acção se localiza, em parte, na praia da Nazaré. Desta feita, como sublinha um jornal francês, «não haverá erros etnográficos e folclóricos», pois nas cenas que decorrem no nosso país, Erico Braga assumiu o cargo de super-visor e conselheiro técnico.

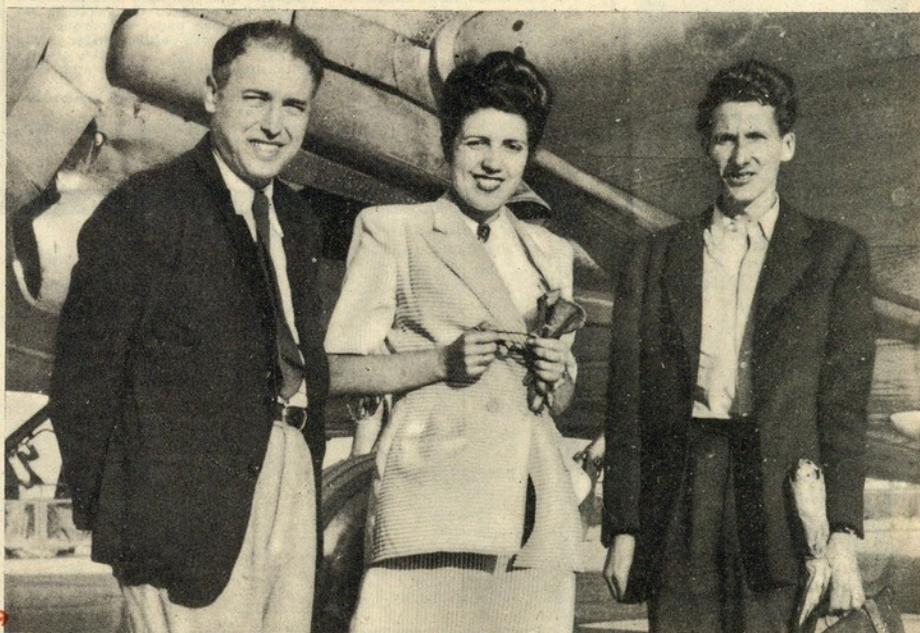
No dia em que se filmaram os interiores na estalagem da Nazaré, o sr. dr. Augusto de Castro, ministro de Portugal em França, visitou os estúdios onde as referidas cenas se registavam, e assistiu às tomadas de vista. Foi recebido pelo produtor, o nosso compatriota Aires de Aguiar; pelos autores do argumento, Henry Diamant Berger e Georges Tabet; pelo realizador André Cayatte; por Erico Braga e demais artistas.

O ilustre escritor e diplomata ficou muito bem impressionado com o desenrolar dos trabalhos, e a sua visita teve grande eco na imprensa francesa, que pôe em relevo o interesse do ministro de Portugal pelo cinema, exaltando simultaneamente a acção de Erico Braga, como actor, empresário e artista, tão ligado pela cultura às grandes manifestações do Teatro e do espírito francês.

Susane Chantal, há pouco regressada a Portugal para tratar da realização das cenas portuguesas do filme extraído do seu romance «Deus não dorme», recebe, no aeroporto de Lisboa, os srs. Lotar, encenador, e Rossignol, director de Produção da Empresa Cinematográfica Socla Gardine, que há dias chegaram de avião.



Escoregar — não é cair! E Ava Gardner, adepta da «glissage», exemplifica nesta foto a asserção. Lá em baixo, no termo da rampa, o mar abraçará carinhosamente o seu lindo corpo de mulher! Porque a «glissage», feita na praia de Malibu, foi feita para aquelas pessoas a quem falta a coragem para entrar na água, a pouco e pouco...



E UM PRAZER BARBEAR-SE



O creme dos grandes desportistas



COM «LEA» É UM PRAZER BARBEAR-SE COM «LEA» A LAMINA DURA MAIS COM «LEA» A PELL FICA MACIA USANDO «LEA» NÃO HÁ BARBA DIFÍCIL

PODE-LHE SERVIR PARA ACERTAR O RELÓGIO!!

As suas funções intestinais terão uma regularidade tal que, por elas, poderá acertar o seu relógio se tomar LAXOBAC, o novo chocolate laxativo. Um remédio agradável contra a prisão de ventre, tanto para os adultos como para as crianças. Suave, mas firmemente, «Laxobac» exerce a sua acção, sem causar a mais leve dor ou incómodo.

LAXOBAC

Em todas as farmácias a Escudos 5850 e 12800 cada caixa. Lembra-se do nome.

DENTES BRANCOS E SÃOS



SÓ COM DENTÍFRICOS CORTEZ

Defenda a pele do seu filho...



com **PÓ DE TALCO bébé** Mc Campes

Problemas dos Trocos

POR MANUEL MARTINHO

A O leitor, decerto, já lhe aconteceu o mesmo. Iamos garantir: dum milhão de almas que vivem em Lisboa, raras são aquelas que não terão passado por situação idêntica. Não se trata de política, nem de futebol — duas coisas que apaixonam os lisboetas e que são, eternamente, os melhores assuntos, à parte as mexeriquices insidiosas das mesas de café. Não — trata-se, unicamente, dos trocos.

Aparentemente, poderá parecer que isto não tem, a olho nu, importância alguma. Mas se repararmos bem, veremos que a falta das moedas de cobre e de níquel são hoje o verdadeiro manancial donde brotam, espontâneas, as mais azedas discussões. E o problema, dia a dia, vem avolumando-se, engrossando, as dificuldades aumentam de tal ordem que há certos estabelecimentos que ostentam, num ar de desafio, este dístico: «Não se fazem trocos». Calcula-se, muito por alto, que diariamente, nas olteita carreiras da Carris que vendem centenas de milhares de bilhetes há quatro mil e tal discussões, insultos — algumas vezes até com o habilidoso esgrimir de punhos — por causa dos trocos. Os condutores gritam que não têm obrigação de encher a mala de moedas — e os passageiros, teimosos, desejam, à viva força, viajar e reaver o troco sem ir à Companhia. Um cavalheiro, uma vez, por via de dois tostões que o condutor não tinha, gastou \$860, mas foi, triunfante, a Santo Amaro buscá-los. Alnda há pouco, numa terra da província, um homem morreu esfaqueado pela insignificância de trinta centavos que não tinha na gaveta para dar a um propagandista ambulante do vinho, que, rairoso, lhe espetou na barriga a faca de matar porcos.

Ora isto não poderá continuar. Não é a primeira vez que se deixam os objectos comprados em cima do balcão, porque-vem o sacramental: «Não tenho trocos».

Vá, por exemplo, um cavalheiro comprar um maço de cigarros, que só se vende por favor sem levar o dinheiro à justa! Só se fór em loja conhecida, de contrário não lho vendem porque, senhores, trocos não há! Onde, porém, o caso tem mais graça é, por exemplo, em certos estabelecimentos com caixeiros contabilistas.

Suponham, por exemplo, que a despesa é de 6\$40. Perfeitamente, diz o caixeiro, V. Ex.ª tem aí sessenta centavos? Onze tostões? Três mil e seiscentos? (isto, claro, perante a nota de vinte escudos para pagar a conta).

O cliente rebusca nos bolsos, na carteira, enfia os dedos, apressado, nos mil bolsos com que os impertinentes alfaiates enchem os fatos, repuxa do porta-moedas, espalha, mesmo, sobre o balcão o dinheiro todo — e, por fim, repara que só tem moedas de vinte e cinco tostões e uma moeda de cinquenta.

Mas o caixeiro não se atrapalha. Mexe no dinheiro, tira, e volve respeito:

— V. Ex.ª dá-me 52\$50 e eu dou-lhe 46\$10. É a mesma coisa, compreende. Estes trocos. Não temos moedas — é uma dificuldade... uma maçada...

Vai à caixa, regista, tira o dinheiro, enquanto o cliente, espantado, se debate numa conta horrível, que arraza, ele que já vem moído com oito horas de trabalho e outras tantas de preocupações da vida. Claro, que all ao balcão diz que está bem, porque diante da vivacidade do caixeiro e do público que já o acotovela para ser aviado, tem vergonha de mostrar que as contas lhe fazem confusão. Em casa, porém, com o lápis faz a soma. Não fica a saber se foi na fraude, porque, infelizmente, nunca se sabe ao certo o dinheiro que se traz no bolso, logo que se troca, nesta babilónia, a primeira nota para pagar ao barbeiro. Um dia destes, para comprar uma caixa de fósforos, o homenzinho do estanco, mal nos viu puxar de vinte e cinco tostões, resmungou logo: «Só se levar o dinheiro todo em fósforos!».

E não houve outro remédio, porque a loja estava já a fechar — e era já tarde, uma hora da noite — de que comprar um jornal, duas lâminas, e, mesmo assim, ficou-nos deverdor de um tostão, soma tão importante pela influência exercida nestas contabilidades de balcão. Por este andar há-de chegar-se a um ponto que, com uma nota no bolso, se terá que dormir ao relento, depois da expulsão do eléctrico, do homem do restaurante não quer aquilo para nada, só porque não está trocado, e de toda a gente, com ar azedo e reflião, gritar: «Não tenho troco!».

Há pessoas que se humilham tanto, que chegam a entrar num estabelecimento e dizem logo:

— Eu queria comprar qualquer coisa, mas só tenho aqui — tenham paciência, senhores caixeiros! — duas notas de cem!

Há segredos. Vá-se à caixa registadora. Remexe-se numa gaveta. O patrão vem cá fora, de guarda-pó e óculos na testa. Mexe nos bolsos.

(continua na pág. 16)



COM DEZ ANOS, JÁ TEM MUITO QUE CONTAR

O jovem Christos Chamis, de 10 anos, viveu uma vida de aventuras trágicas. Nasceu em 1898 em Newport, filho de pais gregos. Com a idade de dois meses partiu para a Grécia na companhia da mãe. O barco que os levava naufragou perto da costa de Kapsali. Durante horas, a mãe e o filho que levava às costas, lutaram numa jangada improvisada contra as vagas. Durante a guerra a polónia não resistiu à fome que devastou o seu país e morreu numa rua de Patras, à vista do seu filho. Christos foi, então, recolhido por um casal de missionários gregos, e pediu com eles esmola pelas praças de Atenas. Dois soldados americanos encontraram-no morrer de fome sob o pórtico de uma igreja. Com o auxílio da Cruz Vermelha americana conseguiu descobrir o pai, que já não tinha notícias do filho há cinco anos.



ISTO FOI NA AMÉRICA

Gladys George, antiga actriz do teatro e do cinema, que diz ter apenas 42 anos, casa pela quinta vez com um «groom» de hotel, de 27 anos de idade.

(Foto UPI)

Mr. Alan Cissna Civ.
Air Photo Unit
Task Group 1.5
APO 22212-Kwajalein
c/o PM San Francisco, Calif.

Mr. Barrille
Director
New York Times Photos
37 Rue Caumartin
Paris IX^e, France.

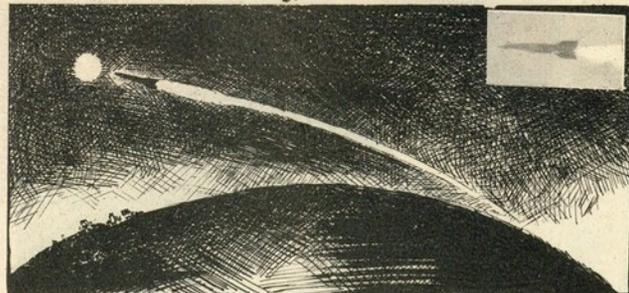
CORRESPONDÊNCIA ATÓMICA... PARA OS FILATELISTAS

OS marinheiros que assistiram às experiências atômicas tinham a possibilidade de escrever e de enviar as suas impressões sobre Bikini.

Esta carta, tomada num barco da expedição, foi transportada pelos próprios aviões que tomam parte na experiência. Os serviços dos correios americanos tinham mandado imprimir envelopes especiais, o que foi uma alegria para os colecionadores.

(Foto UPI)

EM BREVE IREMOS A LUA

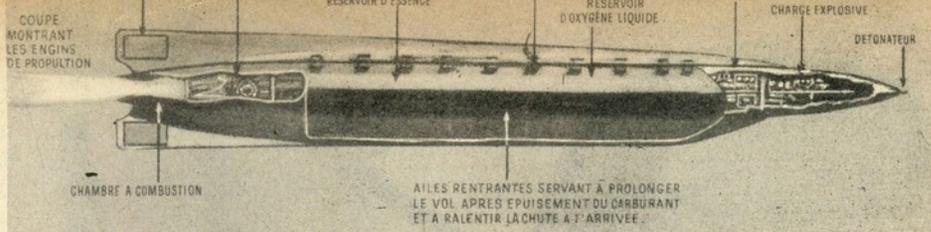


CYRANO de Bergerac tinha descoberto sete maneiras de subir à estratosfera e de explicar: ...como é feita a Lua e se alguém habita na crosta deste satélite.

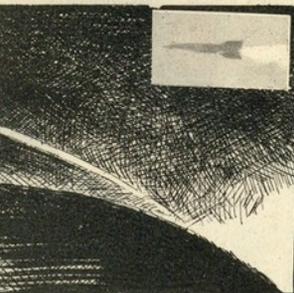
Pois os americanos não se prenderam a nenhuma delas, e... acabam agora de descobrir a oitava. É o obus-foguete, que outra coisa não é senão uma variante aperfeiçoada da célebre V-2, a última arma secreta de Hitler, utilizada doravante para fins pacíficos.

Numa noite de Novembro de 1943, surgiu no céu da Bélgica um rasto de fumo de cor de laranja muito vivo. Com o ribombar do trovão, um engenho misterioso, da forma dum alongado charuto, atravessou o horizonte a uma enorme velocidade, e foi cair, seis minutos mais tarde, em terra inglesa, a duzentos quilómetros do ponto do seu lançamento.

Os alemães tinham começado a empregar a sua V-2, uma espécie de obus-foguete, de vinte metros de comprimento por três de largo e com o peso de doze toneladas. Dum terrível poder de destruição, a nova arma secreta era capaz de atingir uma velocidade superior a 1.200 quilómetros à hora. Lançada por meio de catapultas, ela descrevia nos ares uma curva parabólica, que a elevava até à altura de cinquenta quilómetros, e



EM CIMA: Esquema de funcionamento duma V-2 aperfeiçoada. — EM BAIXO: A trajectória da bomba da terra para a Lua



levava dentro de si cerca de uma tonelada de explosivos.

Se os alemães tivessem descoberto alguns meses mais cedo a fórmula da V-2, talvez ganhassem a guerra. Das rampas de lançamento que instalaram no continente podiam enviar uma contínua chuva de bombas-voadoras sobre as concentrações de tropas, de aviões e de navios, surtos nos portos ingleses, à espera da invasão. Mas os seus engenhos não eram ainda suficientemente perfeitos ao ponto de serem realmente eficazes.

Por mais estranho que isto pareça, os alemães continuam hoje a fabricar peças soltas de V-2, nas suas fábricas. Simplesmente, as novas V-2 não são montadas na Alemanha, mas sim na Inglaterra e nos Estados Unidos, pelos engenheiros que as inventaram. Deu-se até o facto de uma fábrica de bombas-voadoras ser sido desmontada e enviada, com todo o seu pessoal alemão, para os Estados Unidos. Em 8 de Maio último, fizeram-se experiências, no deserto do Novo México, nos mesmos lugares onde se experimentou a primeira bomba atómica, com vinte e cinco V-2, dispostas pelos técnicos, para serem lançadas à razão de uma por semana.

Comparadas com estes novos engenhos, mudos dos últimos aperfeiçoamentos técnicos, as bombas-voadoras

ras que caíam sobre a Inglaterra, em 1944, não passam de brinquedos de crianças.

O general Barnes, que dirigiu as experiências, declarou aos jornalistas que os Estados Unidos tinham até agora ultrapassado todos os conhecimentos adquiridos no campo dos projecteis-foguetes. Nos seus primeiros vãos, os engenhos levaram, em vez de uma tonelada de explosivos, vários instrumentos científicos e aparelhos de medição. Os sábios americanos estão hoje certos que num futuro mais ou menos próximo, os «tufões» (é este agora o nome das V-2), poderão ser utilizados no transporte ultra-rápido do correio.

Julga-se que estarão aptos a percorrer uma distância de 600 quilómetros de altitude, em menos de sete minutos. Pensa-se em estabelecer assim rapidamente ligações estratosféricas entre certas cidades dos Estados Unidos, prejudicadas pela geografia, como Toronto e Cleveland, que separam os 320 quilómetros de água do lago Erié. Um pouco mais tarde serão inauguradas linhas regulares entre Nova-York e Washington (365 quilómetros), Chicago e Cincinnati (430 quilómetros) e Los Angeles e São Francisco (640 quilómetros).

O grande melhoramento introduzido nas bombas-voadoras está nos meios de regular a sua direcção. As V-2 alemãs atravessavam a atmosfera como balas de artilharia e caíam ao acaso. Para se poder utilizar os foguetes duma forma prática, os técnicos precisam ainda de alguns meses, ou seja o tempo necessário para afinar o mecanismo do afrouxamento da velocidade da sua descida e o da aterragem sem perigo no local previamente determinado. São estes os únicos obstáculos que dão ainda que fazer aos engenheiros.

Vejam, entretanto, como se apresenta o foguetão estratosférico 1946. O aparelho é muito mais alto e largo que as V-2 alemãs de doze toneladas... e não tem exactamente a mesma forma. No vértice tem um detonador, onde a ignição se opera electricamente. Depois, protegidos por uma forte blindagem, aparecem os aparelhos do registo de voo. No centro

estão os reservatórios de oxigénio líquido, que é o combustível empregado na alimentação dos motores e das turbinas da rectaguarda. Os gases queimados durante o voo saem por um escape colocado na extremidade do foguetão. São eles que originam o rasto luminoso que assinala a passagem do aparelho no céu.

Aos lados, encontram-se umas aletas que servem para regular a direcção. Estão dobradas sobre si mesmas, no momento da partida, e não se abrem senão no momento em que o foguetão começa a descer. Servem, simultaneamente, para prolongar o voo e retardar a sua velocidade.

Os foguetões deste género foram agora utilizados nas experiências do Novo México.

Os «tufões» não são, é claro, mais do que um primeiro passo no caminho das futuras descobertas. Quando alguma estiver definitivamente estudada e posto industrialmente à disposição dos homens, os engenheiros terão então o combustível ideal para lançar os foguetes por cima de qualquer oceano e... naturalmente até à própria Lua.

Para atravessarem o Atlântico, os «tufões» terão de percorrer uma enorme trajectória, à velocidade de quatro quilómetros por segundo, o que permitirá fazer a travessia Eu-

(Continua na página 15)

"55" o Batom da Moda não tem rival

PALAVRAS CRUZADAS

(Toda a correspondência deve ser dirigida a Augusto Teixeira Marques, Rua Marquês de Sá da Bandeira, 108-3.— Lisboa).

PROBLEMA N.º 75

Por Jorge Pessoa Pereira

(Lisboa)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1—Neste lugar; recebe. 2—Reduzir a gelo; prender. 3—Pessoa gorda; clima; porco (provincianismo). 4—Mulher que não cre em Deus; a ti; destinado à padreadão. 5—Infiel à sua religião; move os remos. 6—Colérica. 7—Tornava a fazer. 8—Navios; viveiros de aves. 9—Dar urros; aspecto; sacerdote. 10—Enverazel; perversa; tive amor a. 11—Antigo instrumento de suplício formado por paus em forma de X; interpreta. 12—Indivíduo de grande valor e notoriedade; pertences.

VERTICAIS: 1—Parecença; nudez (na pintura). 2—Peça de madeira para equilibrar cestas e painéis; arpoa. 3—Paraíso terreal; caminhar; aves galináceas. 4—Doença caracterizada pela infecção dos dentes; mulher acusada; género de animalculos fosforescentes e gelatinosos. 5—Espaço; asilos de leprosos. — Impugnavam. 7—Reproduzira em menor escala. 8—Arte de formar e dispor os acordos; chefe de povoação, na Índia. 9—Deitar fogo a; manifestar; ramalhete. 10—Picante; pedra de domínó com um só ponto; igualmente. 11—

Gastam; língua vernácula da Índia. 12—Ali; igreja patriarcal. Dicionário consultado: Francisco Torrinha.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 74

HORIZONTAIS: 1—Fé; lá. 2—Aviso; isco. 3—Mio; se; ora. 4—Pór; emir; usa. 5—Eu; anisar; ir. 6—Dito; luas. 7—Voar; cais. 8—Má; socava; um. 9—Elo; soba; ato. 10—Ave; ré; ala. 11—Sair; remar. 12—Al; só.

VERTICAIS: 1—Pé; me. 2—Amou; vales. 3—Vir; dó; ova. 4—Flo; alas; éia. 5—Es; entrós; ré. 6—Oamlo; cor. 7—Els; caber. 8—Ll; ralava; és. 9—Aso; rula; amo. 10—Cru; as; ala. 11—Oásis; utar. 12—Ar; mó.

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

E O DESEJO DE COÇAR PASSOU. A IRRITAÇÃO É DOMINADA. A PELE REFRESCA-SE E O ALIVIO COMEÇA

«HERPETOL»

É UM MEDICAMENTO SÉRIO E CERTO PARA TODOS OS CASOS DE ECZEMA (HUMIDO OU SECO), CROSTAS, FERIDAS, ERUPÇÕES, ARDÊNCIAS NA PELE. ETC. ATE HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drograrias

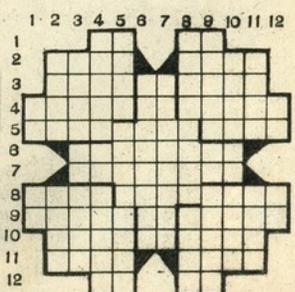
Preço avulso: 11\$00



Porque é que o seu médico aconselha SULFADENTINA?



Porque usar SULFADENTINA representa uma defesa permanente contra as bactérias e torna os vossos dentes sãos como nenhuma outra.



UM NOVO MODELO

DE

"Soutien"

Tem inúmeras vantagens este novo modelo de «soutien», que dispensa as alças e está, por isso, indicado para os vestidos de baile, decotados.

As alças são substituídas por arcos de arame, e os resultados, segundo dizem, são surpreendentes.



Estes dois arcos de arame tiram-se, para lavar o tecido



Num modelo vivo, o desenhador Jack Glick estuda o novo modelo



Aplicação do arco de arame



Aqui têm o modelo ideal para os trajes de baile e de esportes

DIRECTOR: JOSE CANDIDO GODINHO ~ EDITOR: PEDROSA MARTINS
PROPRIEDADE DE: "VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA"
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TELEFONE 2 5844
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMAOS), LIMITADA
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA